Sete poemas quase inéditos &
Outras crônicas não selecionadas

Newton Navarro

Sete poemas quase inéditos & Outras crônicas não selecionadas

Organizadores
Paulo de Tarso Correia de Melo
Gustavo Sobral

EDUFRN
Editora da UFRN

Natal, 2013

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE

Reitora
Ângela Maria Paiva Cruz

Vice-Reitora
Maria de Fátima Freire de Melo Ximenes

Diretora da EDUFRN
Margarida Maria Dias de Oliveira

Conselho Editoral
Cipriano Maia de Vasconcelos (Presidente)
Ana Luiza Medeiros
Humberto Hermenegildo de Araújo
John Andrew Fossa
Herculano Ricardo Campos
Mônica Maria Fernandes Oliveira
Tânia Cristina Meira Garcia
Técia Maria de Oliveira Maranhão
Virgínia Maria Dantas de Araújo
Willian Eufrásio Nunes Pereira

Editor
Helton Rubiano de Macedo

Revisão
Gustavo Sobral
Helton Rubiano de Macedo

Editoração eletrônica
Helton Rubiano de Macedo

Capa
XXXXXX

Supervisão editorial
Alva Medeiros da Costa

Supervisão gráfica
Francisco Guilherme de Santana

Pré-impressão
Jimmy Free

Seção de Informação e Referência

Catalogação da publicação na Fonte. UFRN/Biblioteca Central Zila Mamede

Atividades experimentais no ensino da química : integração entre ensino, pesquisa e extensão / Organização de Márcia Gorette Lima da Silva. - Natal, RN : EDUFRN, 2012.

144 p.

ISBN 978-85-7273-772-2

1. Química – Estudo e ensino. 2. Química – Métodos de ensino. 3. Escola pública – Natal/RN. 4. Silva, Márcia Gorette Lima da. I. Título.

RN/UF/BCZM

CDD 540.7

CDU 54:37

O trabalho de organização, sei que Navarro ficaria feliz de ver dedicado a Mailde e Claudio Augusto Pinto Galvão e Nísia Bezerra de Medeiros. Dedico também à memória de Rubem Braga, no seu centenário de nascimento.

Agradeço a José Edson de Moura Jr., detentor dos direitos autorais de Navarro, e registro a inestimável ajuda de Gustavo Sobral, que justifica a condição de coorganizador compartilhada.

Paulo de Tarso Correia de Melo

Nota prévia

"Os sete poemas quase inéditos" são assim nomeados porque não foram publicados nos dois livros de poesia que figuram na *Obra Completa* de Newton Navarro. Quatro deles foram conseguidos em recortes de jornal, os "Dois poemas de Natal", em cartões natalinos editados pela viúva Salete Navarro. O texto "Carta ao poeta Renato Caldas", editado em "50 números com desenhos originais assinados pelo autor" foi distribuído entre 50 amigos, ao tempo em que Navarro trabalhava no Departamento de Imprensa do Estado do Rio Grande do Norte.

As "Outras crônicas não selecionadas" duplicam o número anteriormente publicado em livro. Foram escolhidos entre recortes dos jornais *Tribuna do Norte* e *Diário de Natal*. Sobre os recortes, feitos no entusiasmo dos meus 18 anos, não houve a preocupação em documentar as datas de publicação. Entre aquelas que aparecem no verso, por acaso, dos recortes, a mais antiga é 22.02.62 e a mais recente,

12.03.63. De qualquer modo, todas anteriores às "30 crônicas selecionadas", cuja escolha acompanhei na época. Na presente seleção de crônicas, não se inclui nenhuma das anteriormente publicadas em livro. Ao contrário das cidades estrangeiras que figuram nas 30 crônicas, nestas outras todas as cidades são brasileiras. Em lugar de figuras internacionais, como Marilyn Monroe, Jacques Tati, John dos Passos e Caryl Chessman, as seções "Terra dos Meus" e "Gente da Cidade" privilegiam figuras locais. A seção "Olhar guardando" fala de artistas brasileiros. A parte final, "Os belos dias", demonstra a alta voltagem lírica de Navarro em seus temas costumeiros: a manhã, os pássaros, o Potengi amado, o mar, a mulher na rede, os frutos e a cozinha nordestina.

Por fim, três curiosidades: o "ABC para o pintor Iaponi" não foi publicado como crônica. Guardei o manuscrito de Navarro, que pretendia ser o texto de um catálogo de exposição do pintor. A pessoa a quem é endereçada a crônica "Resposta" é o poeta Jarbas Martins. A carta de Manoel Fernandes de Negreiros, a propósito da crônica "Neco", expressa uma reação habitual dos leitores aos textos de Newton.

Paulo de Tarso Correia de Melo

Sumário

Sete poemas quase inéditos

Canção antiga ____ 15
As roupas ____ 16
A cadeira ____ 18
Canto ao poeta Renato Caldas ____ 20
Alegre cantar do morto ____ 23
Poema do Natal ____ 24
Os presentes ____ 25

Outras crônicas não selecionadas

I TERRA DOS MEUS ____ 29
Milhã ____ 31
Elpídio Soares Bilro ____ 33
Milhã revisitada ____ 36
Pequeno marujo, grande capitão ____ 38
A alma do grande sertão ____ 40
Potiguares ____ 42

Gosto de infância: os doces... 44
Festa da Limpa 46
Castanhas 48
Neco 50

II GENTE DA CIDADE 53

Gente da cidade 57
Passarinho na janela 59
Ainda o passarinho 61
Passeio na casa 63
O livro do Des. Silvino Bezerra 65
A verdadeira homenagem ao poeta Otoniel 67
Otoniel – meu poeta 69
Cidade desfeita em poesia para o seu cronista 71
De Renato Caldas 73
Simone na poesia 75
No rumo do mar 77
Conversa com Sanderson em três tempos 78
"Mundo inquieto, mundo selvagem" 80
"O homem – esse mendigo do absoluto" 82
Santa Cruz! Santa Cruz! 84
Xaria 86
Resposta 88
Iaponi no Rio 90
ABC para o pintor Iaponi 92
Agora, nesse silêncio maior... 94
Geração dos maus 97
Ateneu 100

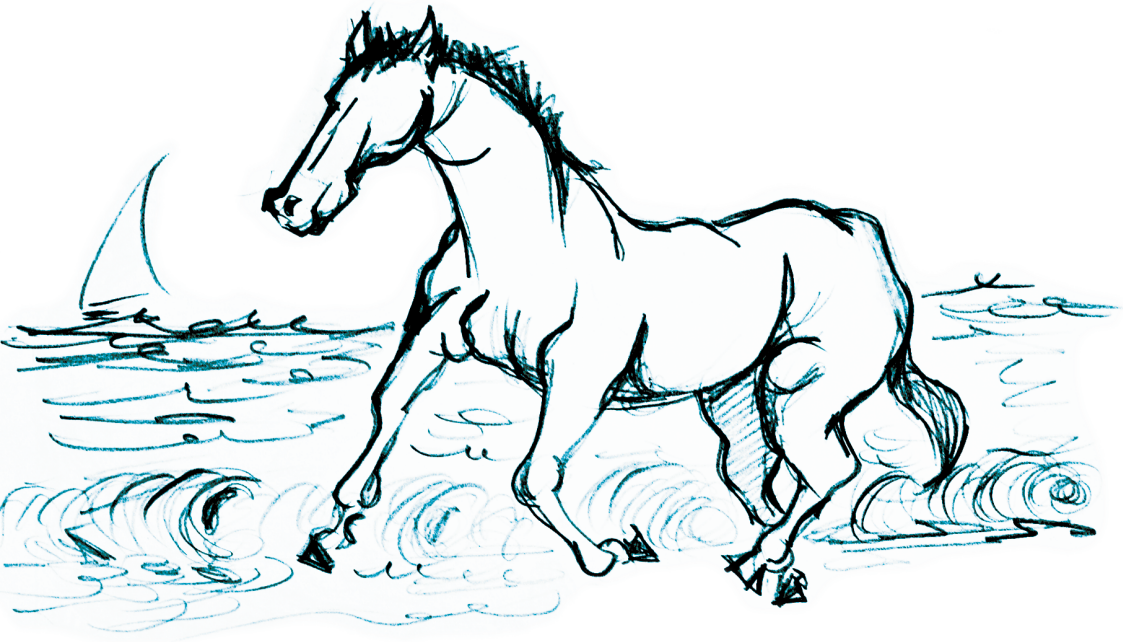
Mauro Mota em Natal 103
Brennand 105

III OLHAR GUARDANDO 107
Vitalino nos céus de Caruaru 109
Pancetti 110
Goeldi 111
Carybé 115
Lula 117
Joaquim Cardozo no Recife 119
Onde Lula Higino é lembrado... 122

IV OS BELOS DIAS 125
Condução para a aurora 127
Bolhas de sabão 128
Os belos dias 129
Os objetos 130
Um lenço 132
Paisagem 133
Lição do domingo 134
A bonita! 135
Três moças 137
Rio – meu irmão 139
O passageiro do rio 141
Encanto de setembro 143
O menino que pesca 145
Rua da Floresta 147
Beco da Lama 149

Na noite, a descoberta... _____ 151
Onde fica o coração do vendedor de passarinhos? _153
Faz de conta que era um pássaro... _____ 155

Sete poemas
quase inéditos



Canção antiga

Morri,
Nasci,
Quantas vezes?
Quantas vezes
Que nem sei...

Bebi,
Dormi,
Quantos dias?
Quantos dias
Que nem sei...

Sofri,
Chorei,
Quantas noites?
Quantas noites
Me matei?...

Rei,
Vassalo,
Quanta coisa?
Tanta coisa
Que nem sei...

Tanta vida desprezei!
Tanta vida que nem sei...
(S. Miguel, 1952)

As roupas

Fiquei perdidamente
Em minhas roupas.
Reparti
Entre mim e elas
Muito de minha vida.

Roupas brancas
Cinzas
Amarelas.

As roupas escuras
Esconderam meus pecados mortais.
Roupas brancas – nunca mais...

Roupa de seda bordada
Manhã de luz na capela.
A vela clareia os olhos
Um lírio desponta alto
No cálice da comunhão.

Depois...
A farda, botões dourados.
Tambores, bandeiras, sinos.
– Soldado no batalhão.

Assim,
Deixei em todas elas
Os meus limites humanos.
Deixei meus gestos parados
Endereço, telegramas,
Recados de namoradas.
Deixei também meu coração pulsando...

Roupas brancas
Cinzas
Amarelas.

Tenho medo de roupas pretas
Que um dia vestirei...
Por quem?...

Antes por mim mesmo
Antes por mim mesmo.

(Navarro, 1950)

A cadeira

O alto corpo se curva,
Quebram-se as linhas
E partidas formam lentas
Se debruçam.
Do vivo traço que era, de pé,
Como haste, erguido,
Em três planos se dispersa.

Vivos olhos; agudamente
Percorrem a sala em lume...

Dois seios pulsam, solenes.
As mãos uma flor seguram
Suspensa sobre o regaço.
E o sexo e a flor se ocultam
No sem espaço da curva.

Pernas suspendem, ligeiras,
Os pés, e as alpargatas
Caem no vazio onde foram
Sólidas raízes do corpo
Que a cadeira despedaça.

E na sombra
Sem movimento,
Todo o corpo adormecido

Sobre o corpo da cadeira,
Mulher de amor ausente,
Talha na sombra envolvente
Vivo relevo de carne
Inútil sobre a madeira.

Último poema de Navarro editado na TN.

Canto ao poeta Renato Caldas

Entre duas faces de lua
E ventarolas agrestes de carnaubeiras
Te descubro.
Tens o arco do rosto repousado
num ângulo de treva
Que a janela sertaneja recorta.
O flash solar
revela no olhar atilado
Um negativo da vida
Que escutas passar
E que incorporas ao dia dos teus dias.

A paisagem que assistes
Aumentas e sustentas
Com o teu canto:
É o teu alimento e o teu ofício.
– Água represada das várzeas
Voo seteiro de aves emigrando
Esses adeuses misteriosos
Que as folhas nos mandam
– confidentes dos ventos
A luz que restou atrasada
Pelas estradas,
Com o sol já se pondo
O cheiro das queimadas
A terra madura das roças

A nota esquiva do pássaro amoitado
– primeira denunciado amor noturno.

Vejo-te, poeta,
Entre ramos de salsas
Pobres flores palustres
Rebentos de paudarcos altaneiros
E ouço o teu nome
Em meus silêncios,
metálico e de pedra
Como se o seu metal dos raios faiscantes
Dos invernos
Afiassem lâminas no dorso das serras estiradas.

Uma voz de mulher
Quanta vez me contou
Teu fado
A dita de viveres
Tuas sortes...

E entre miçangas
E colares sertanejos
Junto ao amuleto protetor de Juazeiro
A santa que te guarda.
Tu, operário humílimo da palavra
Renasces no canto que fabricas
Re – Nato
Entre a fulô do mato mais brejeira

E o trágico do teu acre viver
A riqueza perdulária dos versos
A lição toda humilde
Da tua ciência valiosa.

Teu espólio
A mão aberta
O azul do olhar disciplinado
A proteção da musa.
E a rima
– filão de ouro
liga fraternal
A te fazer mais
Nosso irmão e camarada

Natal, agosto de 1966.

Alegre cantar do morto

QUALQUER dia, chegue o sono!
(não me faz nenhum favor)
Já há muito que caminho,
Cansei de ser viajor.
Cruzai-me as mãos sobre o peito
Guardando meu coração.
Mas não gasteis belas flores
No escuro do caixão...
Se muito, querida amiga,
Tens vontade de enfeitar,
Nessa última viagem
O morto que vais deixar,
Põe uma flor na lapela,
Colhida ao anoitecer,
Quero chegar enfeitado,
Não conheço o outro lado,
– Quem sabe o que vai haver?!

Poema do Natal

Na solidão repousada
No amargo sal do silêncio
No pantanal enfermiço
Da alma desesperada
Nasce, em mistério, um Menino
E seu vagido me manda
Trabalhar a madrugada...

23 de dezembro de 1963.

Os presentes

Onde o Menino?
Indaga Herodes.

Três Reis, silentes,
Guardam presentes.

Tetrarca insiste:
– Quero adorá-Lo!

Magos, incautos,
Vão procurá-Lo.

Estrela-guia
Trama revela.

Aflito, insone,
O insano Herodes.

Três Reis, cientes,
Fazem-se ausentes.

Palha e esterco
A gruta alindam.

Reis se prosternam
Junto ao Menino.

Incenso e ouro
Mirra odorante

Sábios ofertam,
Oram, confiantes.

Tesouro, odores,
Brilhos terrenos

Teréns fugazes,
Tudo somenos.

Real pobreza
Há no Menino.

Presente puro
Do nascituro.

Natal, dezembro de 1987.

Outras crônicas não selecionadas

I TERRA DOS MEUS

"... uma pátria aparte. Pátria minha. Terra dos meus"

"Terra dos meus" fala principalmente da paisagem natal e de familiares de Navarro. Há referências a sua mãe, Celina Navarro Bilro, a seu pai, Elpídio Soares Bilro, a seu único irmão, Geraldo Navarro Bilro, na época gerente de uma instituição bancária na cidade. São referidos também tios e primos do lado paterno. Os tios maternos Flodoaldo de Góes e Idália, pais de Moacyr de Góes, Secretário Municipal de Educação no período Djalma Maranhão, aparecem na crônica "Gosto de infância: os doces". Helena, agregada à família de Flodoaldo, viveu com a família de Moacyr até o fim dos seus dias.

Evaristo de Souza, referido na crônica "Festa na limpa" é avô do professor universitário e compositor Roberto Lima de Souza.

Neco era um vaqueiro agregado à família do tio José Bilro. Manuel Fernandes de Negreiros, na época

comerciante estabelecido à Rua Coronel Gurgel, 310, em Mossoró, é o pai de Rafael Negreiros e avô do acadêmico Armando Negreiros.

Milhã é uma fazenda, antiga propriedade da família de Navarro, na região do Cabugi. Limpa e Areial correspondem ao atual bairro de Santos Reis. PTCM ■

Milhã

A Milhã é uma pátria aparte. Pátria minha. Terra dos meus. Tem uma suave colina verde que sustenta em seu cume, com leveza, uma capelinha branca, com chave e com tranca. Na capelinha um sinozinho que, na manhã que cheguei para a missa de um tio avô, batia pancadas tão leves que parecia anunciar aos presentes que ele, o velhinho, estava no céu, passando muito bem, obrigado. Milhã tem pátios largos onde campearam vaqueiros famosos, meu tio Joaquim, meus primos João e José, meus outros primos filhos de Apolonio – um dos maiores corações e anfitrião dos melhores que o sertão já conheceu. Milhã tem água mansa, bois melancólicos – iguais àqueles que estão pastando nos poemas de Drummond. Tem casarões antigos, velhas cercas de pau a pique, cancelas, frondosas árvores, e um cemiteriozinho, meu Deus, branco, branco que dá vontade de morrer depressa para descansar lá... Estive manhãs de infância gloriosa naqueles caminhos, meu pai a cavalo, eu na garupa, corremos os campos natais. Meu pai falava coisas bonitas da terra e do povo que ele tanto amou e quis. Não vi seus olhos envelhecidos que deviam estar chorando, vi apenas seus gestos e a voz embargada. Quando voltamos no trem, meu pai não dizia nada, somente olhava... Milhã, pátria minha, terra dos meus. Se eu morresse agora, duas boas coisas quereria: uma bênção suave da minha

mãe, suas mãos nos meus cabelos e o sinozinho da Milhã tocando em meu louvor e eu saindo do mundo, prenda minha...

Elpídio Soares Bilro

Simples e honrado nome de um homem. Dos mais humildes que me foi dado conhecer e, no entanto, dos melhores. Jamais, por isso mesmo, chegou às manchetes de jornal, ao menos encabeçando ligeira notícia. Quatro anos são contados hoje da sua morte. Quatros longos anos para os que o amaram e o quiseram tanto. E curiosa trama da vida, o filho, também humilde em sua profissão de pobre escrevinhador de jornal, pode, agora, enfeitar sua crônica costumeira, com o nome luminoso do seu pai desaparecido.

E lembrar-lhe a vida toda de sacrifício e luta. O exemplo dos dias de cansaço e mágoa. As horas lentas para que a família vivesse uma paz melhor e as alegrias da casa voltassem sempre à sua chegada com a braçada de presentes, a alegria no rosto envelhecido, a palavra de carinho, perfeita, real, sonora. Embora chorasse lá dentro o coração ferido de ingratidões. Lembrá-lo, sempre, as longas mãos trabalhadas de vida, os fundos olhos claros, o cabelo como um capucho de algodão aos ventos das tardes domingueiras, levando os seus dois meninos para os primeiros encantamentos dos passeios pela cidade. Ah, as incompreensões também dos seus sacrifícios. O duro fardo das humilhações sofridas de uns quanto três ou quatro cafajestes que de sua vida admirável e humilde tanto furtaram. E o que dizer agora que

revejo entre mansa água de pranto, nas alegrias pela simples vitória que os filhos alcançavam. As notas das cadernetas escolares, as informações que recebia de terceiros, os primeiros desenhos descobertos por ele no fundo da gaveta. Sua alegria que em breve se desfazia em pranto e mal podia ele dizer a palavra de elogio e vaidade.

Quatro anos hoje sobre a sua morte. Um tempo de maior solidão. Desde quando nos sentimos mais diminuídos. Carregá-lo para a sua morada de terra, nos altos da colina do Alecrim, não foi o mais difícil. O pior era a certeza dos dias futuros sem o seu arrimo, sem o amparo de sua humildade, sem o exemplo de sua tenacidade e do seu sacrifício, sem mais a longa mão que prendemos entre as nossas até a morte consentir que o fizéssemos. Isso era e seria o pior. O irremediavelmente doloroso de aceitar.

Quatro anos de sua saída numa tarde em que melhor é não mais lembrá-la agora. E sim, tê-lo outra vez na arcada da nossa casa, numa outra tarde mais antiga, carregado de presentes para seus meninos e a benção de carinho tremula nos seus lábios, e a certeza de com a grande noite a nossa casa seria resguardada pela sua presença. E a alegria de minha mãe, os seus cuidados, seu zelo em cortar na mesa o pão de toda a família. Imaginá-lo assim para todo o sempre. O grande amigo que nem mesmo a feia morte roubou das nossas vidas, porque mais forte que tudo o

amor continua a fazer com que a vida se perpetue em lembrança, tão viva essa lembrança quanto a perdida presença física do seu grande e terno coração de amizade.

Milhã revisitada

Não cansarei nunca de falar de Milhã. Dos seus campos gerais. Do grande sertão que ali começa. Os cabeços distantes das serras que azulam. A calma cinza das horas da tarde. O deslumbramento do sol nascente. O açude coberto de marrecas, e o aboio demorado, rimando com as carapinhas suaves das ovelhas. Não cansarei de descansar meus olhos na serena paz das coisas que envolve as fazendas que fazem da Boa-Água até Milhã uma pátria nossa, idolatrada tantas vezes, e eternamente querida.

Revi, agora, a casa-grande de Apolonio. Horas inteiras na alpendrada conversamos sobre coisas passadas, pessoas, bichos, terras. No olhar distante do velho fazendeiro as estórias parecem que corriam como num fluxo, cheio de luz antiga, clareando salas, fisionomias, corações cheios de um sentimento de lealdade que, parece, vai fugindo das almas, embora reste ainda nos bichos.

Não revisitei a capelinha – de certo ainda cheia daquela "verdade profunda e vazia" de que falava Fernando Pessoa diante do céu de Lisboa. Não quis quebrar a paz dos seus mortos, que repousam no cemitério do oitão. Que lhes poderia eu dizer? Aos mortos, nem as rezas são compreensíveis. Somente os sinos são entendidos pelos mortos. E na torrezinha, o sino não poderia ser tocado pelas minhas mãos sujas de

vida. Que ficassem os mortos da Milhã na sua calma eterna. Os vivos me entenderiam melhor. E conversamos e deixamos por fim, que a calma da noite, com promessas de lua, serenasse a nossa alma funda de desditas, enquanto pelo campo corria em debandada um vento errante, levando no seu dorso a misteriosa alma das coisas que sobem nas noites, para longas viagens pelas veredas abertas do Grande Sertão...

Pequeno marujo, grande capitão

Faz algum tempo, e era num barzinho do Alecrim, noite caminheira. Meu irmão me fazia companhia e conversávamos. Era como se navegássemos na grande noite antiga. E por nós desfilavam arquipélagos inteiros de sonhos, restingas da infância, longas praias por onde os desejos se estiravam, para se levantar em grandes e poderosas auroras. Cada vez mais nos adensávamos em nevoeiros de imaginações. A vida começara, então, para nós. Ele quase o menino de sempre. Os grandes olhos azuis, os cabelos alourados, e, nos sentimentos, os primeiros fogos das viagens que haveria de realizar. Via-o assim de súbito, um marinheiro, em rotas maravilhosas, a dominar os azuis que caíam dos seus olhos, e de mistura a tantos outros azuis, mas fazendo dele um Simbad fantástico.

Houve depois desse encontro um grande hiato no tempo. Meu irmão, realmente viajou por longes, saí por outros lados. Nunca fomos, no entanto, os estranhos que poderíamos parecer. Fiéis aos nossos planos, falávamos a linguagem das grandes solidões, quando mais que nunca ficávamos frente ao outro, em salinha silenciosa, ouvindo o fluir dos momentos que passavam.

Agora, reencontro meu irmão na sua data de antigamente, seu aniversário. É mais que um maru-

jo, é quase um capitão, tantos cursos tem o seu barco caminhado pela vida. Olhamo-nos fundamente. Não precisamos falar nada. Digo-lhe com o olhar uma saudação das mais queridas. E dos seus olhos azuis, antigos, calmos, infantis, desponta o menino que conversava comigo os planos que, se não realizamos de todo, pelo menos ainda não naufragamos.

A alma do grande sertão

Conquistar e conseguir a paz das coisas. E, mais que tudo, merecer essa dádiva de Deus, como um prêmio pelos muitos anos de trabalho na boa terra, sulcando-a com arados de sacrifício. Às vezes, em altas noites de luas claras, o suor do rosto caindo nas eiras, para saciar a sede do corpo e a vontade bíblica. E, então, conseguir, depois de tudo, a paz das coisas. Na mesa, o pão de milho, o leite tirado ao amanhecer, da vaca malhada, o queijo que as mãos da companheira espremeram, no alguidar, nas horas de descanso, o alcoviteiro ao lado, na camarinha. E como um puro novelo de fino fio de algodão colhido no campo, os dias vão se sucedendo, tecendo o grande telão rústico de suas vidas. Do café matinal parte o caminho para o trabalho na terra. Várzeas, braços de rio, roça, pastoreio, açudes, coivaras. O suor enriquecendo a força do braço. Solão no alto meio espaço do céu em brasa, o búzio tocando e o caminho de volta. Já a mesa estende a fartura dos pratos que fumegam. Feijão-verde, carne de sol, farofa grossa, coalhada e um cafezinho. Vem a vez do cigarrinho de palha e o sono, leve, nos balanços da sesta, de lá para cá, os azuis do alto se sumindo. Um voo solto de gavião peneirando. Bocejo e o voo, voejando, bem alto... Cumprida a sesta, outra vez o campo escampo e largo. O braço no arado, o arado na terra, a terra fecundando. E as colheitas se denunciando. Uma chuvinha breve,

que mal molhou a crosta de barro escuro. Já passou breve o dia. Vem a noitinha caminheira, sereneira, feito mulher moça, nos primeiros caminhos do amor. As coisas serenam. Serena estrela pelos céus caminha. E o caminho de volta outra vez traz para casa. O copiar largo cheio de estórias. A ceia a papa-ceia no alto, vista da janela do oitão. Os mugidos distantes. Toques de chocalhos. Rastejar de bichos. Moitas se encolhendo para o sono. E a paz de Deus chegando nas coisas; e tocadas pela paz enorme de Deus, as coisas adormecendo, com jeitos de criança. Os horizontes baixos na cumeada das serras. Bacuraus, agouros, o voo dos fantasmas pelos descampados, e nas redes abertas, o sono, o amor, tudo sempre naquela fórmula simples de paz que as coisas ainda recebem e guardam na alma do Grande Sertão...

Potiguares

Porto Alegre, maio.

(Gentileza Varig)

Há muitos rio-grandenses aqui. A colônia é bem grande. Quero resumi-la, para mim, em três ou quatro bons amigos. Um velho companheiro do Natal, dos bons tempos: Luiz Torquato, depois Eriberto, Delgado e fiquemos neles mesmo. O velho Dimas, mestre de jornalismo e de amizade nortista anda pelo México, passeando. Não tive a satisfação de conversar com ele nesta passagem pelo Rio Grande. Sei, no entanto, da sua hospitalidade que ainda se faz representar na pessoa de Dimas, filho, hoje à frente dos Associados.

Então, como ia dizendo, a colônia potiguar se resumiu naqueles três "praças", que em tantas e tão boas horas me trazem a presença de Natal. Penso que poderia acrescentar a esses três, mais uma personagem, nortista no duro que encontrei domingo último, pela manhã, no Parque Farroupilha: um canarinho da terra. O dito, na ausência dos amigos que andavam por longe, fez-me as honras do parque. Legitimamente do norte. A cor afogueada, certa timidez a princípio, depois a franca cordialidade, o riso álacre, e mesmo certa intimidade. Sei que conversamos mui-

to. Comprei-lhe alpiste e pipocas. Falei-lhe das suas saudades, silenciou. Os olhinhos como que disfarçando breve pranto. Levantou a linda asa amarela, num leque, e disfarçou a "coisa". Mudei de assunto. Conversamos então sobre a manhã, os outros pássaros, a beleza real da paisagem enorme do parque. E depois, já o dia subindo muito e certo do calor pelo tempo, deixei meu novo companheiro na sua enorme gaiola, liberdade que fazia de conta, entre os outros companheiros, mas cercados de tela "protetora"...

De longe, ainda fiquei olhando o canarinho. Daqueles canarinhos da terra, amarelos de sol, que vinham, em bandos, cantar nos belos pés de algaroba do nosso quintal, na fazenda, enquanto meu pai trabalhava. Um canarinho feito lembrança, feito presença, feito nota viva e ensolarada da terra. Belo e amigo – generoso amigo do norte.

Gosto de infância: os doces...

Ah, as saborosas festas de outrora! As largas mesas, os doces, os pratos brasileiramente nordestinos, o cheiro perfumado das terrinas, das travessas, dos tachos. As mãos delicadas das doceiras. As senhoras, quase sinhás, não apenas nas salas de visitas, nos terços, nas conversas de calçada, mas também na cozinha, dirigindo sua legião de empregadas. Dando o "ponto" aos seus doces, temperando, provando, emprestando o leve sabor de sua alma aos pratos deliciosos.

Hoje, as festas são pura sofisticação. Cachorro-quente, tortas estrangeiras, doces enlatados "made U.S.A.". Cadê os beijos vestidos de verdadeiras rendas de papel fino, papéis coloridos, bandejas enfloradas? Cadê os filhoses (que só ao escrever-lhes o nome chega água na boca), os sequilhos, raivas, suspiros, paridas, baba de moça, cordões de castanha e pipocas, doce preto. Isso para não falar nas compotas de goiaba, de coco verde, de laranja.

Cada prato na época aprazada. As famílias recebendo e devolvendo os presentes de pratos saborosos. As receitas guardadas com carinho. Por exemplo, o peixe de coco que tem mais de dois séculos, segundo o mestre Ascenso, e já comoveu rainhas.

Lembro-me ainda dessas coisas. O sabor, vez por outra, retorna, como se de novo estivesse eu nas mesas largas de antigamente. Festas dos primos, dos vizi-

nhos, dos amigos. As roupas domingueiras de marujo, bengalinhas de pau seda, pureza da infância. Lembro as prendas de cozinha saídas das mãos de Dona Cisília Viveiros. As "raivas" que Graça Guilherme fazia para a mesa de meu padrinho Flodoaldo. As compotas de caju azedo que minha tia Idalia fazia nos belos verões da Redinha. O doce de goiabada que minha avó achava uma delícia, e era fabricado por umas boas moças velhas que moravam por detrás da casa do bispo. O cardápio costumeiro de Helena na casa grande do Tirol, cheio ainda hoje da infância perdida e vagos ecos da vitrola.

Resta de tudo o saudoso gosto que resiste ao confronto moderno de outros sabores, outras mesas, outras modas. Mas que em nada vencem, em nada acabam os sequilhos brancos, os filhoses gostosos, os suspiros não apenas comidos, mas suspirados. Tudo parecia guardar a própria alma das doceiras famosas, das senhoras donas de sua cozinha brasileira e boa.

Festa da Limpa

A essas horas o Largo dos Santos Reis já amanheceu enfeitado. O ritmo do progresso que invade o bairro não conseguiu de todo dominar a tradição dos festejos que encerram na cidade o ciclo natalino. Outra vez, as barraquinhas de palha, as latadas, peixe frito no dendê, tapiocas gostosas, farinha de castanha, doces talhadas de caju e copos de "branquinha". No alto, os Reis receberão as rezas do seu povo fiel, os ex-votos, as promessas, a cera onde arde a chama votiva da fé dos que ainda não desertaram, e que têm a confiança na estrela que guiou os magos e há de levar o povo de Deus para a terra prometida, em meio a esses dias tormentosos.

Bons tempos, o antigo! Murmuram os mais velhos. E gosto quando eles me concedem alguns minutos para confidências, recordações maiores. É uma delícia ouvir Evaristo de Souza falar das festas passadas na Limpa, dos barcos cheios de gente, dos violeiros, dos balaios pesados de frutos, de mulheres, e amores... Evaristo recitando e não mais contando os fatos, porque a sua emoção lhe enche os olhos, e o emocional que mora nele desponta e com pouco desata-se uma modinha antiga, daquelas de serenata... Bom também é ouvir Carlos Siqueira contar da vigília, no alto antiga montagem, e as barraquinhas com luz de carbureto, as morenas, os descantes, as violas

de fitas, os quebrantos, o cheiro da noite perfumada de dendê, de cajus, de cheiro de moça nova...

Meu Deus, por que passam essas coisas? Por quê? Ah, se pudesse outra vez, como antigamente, com minha roupa nova, pela mão do meu pai subir os altos da capelinha, para pagar a promessa que minha avó fizera pela minha saúde. Ah, a saúde antiga, mesmo que aquelas doençazinhas que se curavam com chá. E não essas de agora, fundas doenças de saudades. Lembranças dentro da noite, com a festa tão longe, quase como uma coisa de se perder; barca que se esfuma, que vai partindo, que vai desaparecendo por detrás das dunas do Areial...

Castanhas

Aproveita-se a grande sombra amiga do cajueiro. O quintal silenciava àquela hora. Ouvia-se, quando muito, vez por outra, a zuada do mar. O ventinho manso correndo entre as árvores, distraindo-se. E o cheiro bom dos cajus que amadurecem... Suas cores novas. Sua polpa macia. As folhas douradas de sol, umas de cor de vinho, protegendo os frutos. Viva natureza em flor. O quintal modorrando.

Então, juntaram-se as meninas, à sombra do velho cajueiro e, vamos assar castanhas! Terra arrepanhada. O braseiro piscando vermelho. O abanador, latas velhas e o monte de castanhas guardadas, faz muito tempo. As meninas inventam uma toada. Sopram o braseiro, e, uma a uma, vão caindo as castanhas. Há pequenos prejuízos: uma delas que se queima demais, que se perdeu no borralho, que levou sumiço... Alguém que se queimou, levemente. Mas o trabalho continua. A crosta ressequida, e agora esquentada, incha, torna-se azeitada, chia muitas vezes, e pequenas rachaduras começam a se desenhar mais claramente. A mão mais sábia no serviço vai afastando-as, assim chegue tempo. Jogam areia por cima, são depois amontoadas numa velha tampa de flandres. Os cajueiros arrastam as copas baixas. O vento vadiando. Com pouco o mar fala mais alto sua grande voz azul. Uma andorinha do mar, meio erra-

dia, corta um voo baixo bem na copa das mangueiras. Por fim, serena o trabalho. As meninas cantam seu cantar de alegria. Com a pedra vão partindo as castanhas ainda quentes. Há gritinhos de susto, com a quentura nos dedos delicados. Uma nota mais alta de gaiatice. Há quem fale em guardar algumas para o doce de caju que cozinha no grande fogão. E a esse aviso, como medida de prevenção, começam os pequenos furtos. Escondem castanhas por toda parte. O aviso se renova. Mesmo quentes, já as castanhas começam a ser mastigadas. Os risos que denunciam. As meninas se espalham. As mais velhas começam a função do recolhimento. Reclamam. Quase nada resta de todo aquele monte guardado com tanto zelo para ser tachado de doce... Os risinhos ariscos se espalham pelas sombras. Alto vai o azul do céu sobre o mundo. Outra vez o mar se ouve. Os cajus, sob o solão das dez, avivam suas cores. As mais belas das meninas pulou a cerca e se foi na direção da praia. Levava uma porção de castanhas. Seu desenho risca-se mais claro na paisagem. O galho verde dos cajueiros balança, macio, como numa preguiçosa saudação...

Neco

Era simplesmente um moço do campo. Enchia as tardes e manhãs com o trabalho, montado num burrico sonolento, e assim se largava pela caatinga enorme, recolhendo a lenha ou, na várzea, apanhando água das cacimbas que ficam resistindo no leito seco do rio. Viera do brejo da Paraíba e logo se integrara à vida da casa-grande do meu tio Zé. O tempo o promoveu: ganhou sua terrinha de trabalho, suas vaquinhas, umas cabras e montaria de mais porte, deixando de lado o burro sonolento.

Fez família, construiu casa, ia aos fins de semana sempre fazer feira em São Romão. Lá, decerto, a vida encantou-o na cor opalescente da "branquinha". A sua própria vida começou a se distorcer numa variante quase trágica. Foi aos poucos se desfazendo de tudo, vendendo, trocando, conquanto houvesse no seu girau uma garrafa da "braba". Assustava com isso a família e os próprios patrões, porque, naturalmente, seu trabalho decrescia e sua terra abandonando-se, sua renda minguando no fundo do mealheiro.

Neco, no entanto, continuou nele mesmo a linha de pureza interior dos seus dias claros e alegres de menino, a sair cantando pelos caminhos do grande sertão, para os altos do tabuleiro. Sua pureza, sua bondade, sua ternura mesmo, eram uma linha viva na sua alma conturbada, e agora acesa pelos vapores

da “caninha”. Quantas vezes não vinha ele conversar sobre a alpendrada, em tardes de calor à espera do vento nordeste, e a sua palavra mansa, cavilosa, contava causos, estórias, evocações do seu brejo, quando os olhos claros se toldavam e ele ficava olhando mais longe o Cabugi azulado...

Soube agora que morreu, em pleno mato, numa quase crise de delírio alcoólico. Não mais nos campos amigos de Bela Vista, mas em São Romão, onde estava morando. Embrenhou-se mata à dentro e por lá finou-se, feito animal bravio, feito fera, feito mesmo homem enraivecido e desertado do mundo. Pobre Neco! Que mundo misterioso procurava ele no cerrado do mato? Que vaca retardatária terá inventado de rebuscar?

Que sei eu; que sabemos nós da sua desdita? Escrevo no entanto esta nota repassada da mais funda ternura porque bem o conheci e sabia que, por detrás do homem transtornado que estava nesses últimos anos, havia um grande e bravo coração sertanejo, agora a campear um gado de sombras pelos ermos tristes da fazenda Bela Vista...

Prezado Sr. Newton Navarro

Li a sua crônica do dia 30 de agosto, como sempre leio todas as suas crônicas, quando me deparo com elas na Tribuna. Esta intitulada “Neco”

me arrastou do coração umas lágrimas que não pude reprimi-las. O senhor tem alma para sentir e descrever as coisas da vida. Sabe ver onde não parece existir virtudes e coragem que para muitos seria até eternidade afirmar que naquelas almas transviadas existia coragem, virtude e abnegação. Continue, eu peço, se a espontaneidade com que escrevo estas linhas possa merecer alguma consideração de sua parte.

Para quem escreve crônicas precisa ver longe e ter um coração puro e uma inteligência profunda, como o senhor me parece ter.

Atenciosamente,

Manoel Fernandes de Negreiros

Mossoró, 5/9/963

Em tempo, se tiver outras como a citada, não esqueça deste seu criado, mande-as pelo correio.

II GENTE DA CIDADE

"Gente assim carrega um violão na alma"

"Gente da Cidade" inicia-se com um texto exemplar referindo ícones de Natal: Eduardo Medeiros é o autor da música "Praieira", hino oficioso da cidade. Ferreira Itajubá, grande poeta romântico natalense, autor do livro *Terra Natal*. Jorge Fernandes, poeta precursor do Modernismo. Cascudo, o grande folclorista brasileiro. Auta de Souza, poeta simbolista e mística natalense. Pedro Perna Santa, pescador lendário, tipo popular. Albimar Marinho, boêmio celebrado e Padre João Maria, canonizado pelo povo.

"Passarinho na janela" refere Zila Mamede que representa a geração pós 45 no Rio Grande do Norte. Grácio Barbalho, médico, foi um dos maiores colecionadores brasileiros de discos 78 rpm do período 1927/1952. Maruska é pseudônimo de Marise Macena, colunista social da época.

Veríssimo de Melo é o folclorista renomado, autor do nacionalmente citado volume *Folclore Infantil*.

O desembargador Silvino Bezerra aparece em resenha crítica exemplar sobre volume de poesias de sua autoria.

Otoniel Menezes foi príncipe dos poetas potiguares, autor da letra da citada "Praieira". Interessante é notar que os fatos referidos nas crônicas estão em extensas notas na sua *Obra Completa*.

O cronista para quem a cidade se desfaz em poesia é Berilo Wanderley, que mantinha na mesma página da coluna de Navarro, na *Tribuna do Norte*, a coluna Revista da Cidade.

Renato Caldas é poeta folclórico da cidade interiorana de Assu, autor do livro *Fulô do Mato*. Nota-se que o poema enviado a Navarro faz-se em registro diferente, erudito e transcedental.

Simone é a primeira filha do poeta Nei Leandro de Castro, também romancista, autor de *As pelejas de Ojuara*.

Oscar Lins era um comerciante natalense que se candidatou a cargo efetivo, cuja campanha de baseava no pitoresco mote "rumo ao mar".

Sanderson Negreiros era outro vizinho de página de Navarro com a coluna Quadrantes. Depois,

foi advogado, professor universitário, secretário de Estado e auditor do Tribunal de Contas.

Rômulo Wanderley, advogado, professor universitário, titular da coluna A nota da manhã, na *Tribuna do Norte*, e membro da Academia de Letras, era pai de Berilo Wanderley.

Em 1965, o então jovem advogado Diógenes da Cunha Lima e o então estudante universitário Paulo de Tarso Correia de Melo associaram-se para fazer funcionar em Natal a Xaria, primeira galeria de arte particular da cidade. Localizava-se na Praça João Maria, Cidade Alta.

Iaponi Araújo foi pintor ingênuo lançado por Carlos Cavalcanti, autor de *Como entender a pintura moderna*, entre outros livros publicados.

Odylo Costa Neto, Odilinho, era filho de Odylo Costa Filho, famoso maranhense no jornalismo carioca. Odilinho, aos 17 anos, foi assassinado ao resistir a um assalto no bairro de Santa Tereza, no Rio de Janeiro, pouco tempo depois de haver estado em Natal.

José Humberto Dutra, hoje advogado, era, nos anos sessenta, o autor do romance *Geração dos Maus*.

Na parte "Gente da Cidade", é de realçar a generosidade de Navarro, distribuindo boas palavras à

gente jovem envolvida nas mais diversas atividades. Essa parte encerra-se com a crônica “Atheneu”, que parece curiosamente atual com os registros das visitas dos poetas pernambucanos Mauro Motta e o pintor Francisco Brennand à cidade. PTCM ■

Gente da cidade

Gente assim carrega um violão na alma. (A propósito de Eduardo Medeiros)

Todas as tardes, quase à boquinha da noite, o anjo da guarda dele pedia licença e cada um saia para o seu lado. (Sobre Ferreira Itajubá)

Era o acendedor de luas da cidade. (A propósito de Jorge Fernandes)

Em noites de bem assombro, a casa se acende toda (houve quem já visse muitas vezes), navega a noite enorme da cidade, e, no mais alto do telheiro, o Gajeiro canta o seu cantar mais belo, enquanto as pastorinhas vão arrumando os livros, os quadros, as imagens e os galantes policiam as salas. (A propósito de Luís da Câmara Cascudo)

Numa tarde muito triste, apagou-se ao mais leve sopro de um anjo. (Auta de Souza)

Também, igual ao velho Santiago, põe-se à beira do mar de Areia Preta, sonhando com leões marinhos... (Pedro Perna-Santa)

Vendo que se ia acabando a ternura humana na cidade, comprou um cesto de pão e deu-o de presente a um velho elefante de circo, que andava pelos subúrbios. Depois, os palhaços, inteiramente comovidos, agradeceram, no picadeiro iluminado, com um show especial que durou quase até a madrugada. (Albimar Marinho)

Em noite de muito frio, emprestou a batinha velha e única a um pobre, e para que não escandalizasse com a sua nudez, Nosso Senhor Jesus Cristo mandou chamá-lo, às pressas, para o seu Reino, onde não se precisa de roupas e sim de asas. (A propósito do Pe. João Maria)

Passarinho na janela

Que afoito na tua faina matinal de cantor, passarinho, embora saibas que eu sou um homem triste! E que o teu canto mais faz pesado o meu desencanto da vida. Ou desconheces o acidente e vens, generosamente, dentro da luz da manhã enfeitar meu quintal feio com o teu trinado?

Obrigado, pois, passarinho, mas não devo aceitar teu presente. Devo, isto sim, ser fiel às minhas mágoas – velhas companheiras fiéis. Tu serás, quando muito, um breve cantor passageiro da manhã ensolarada. Depois, partirás para outras janelas. As minhas velhas mágoas, não, essas sempre me acompanharam até hoje. Essas, passarinho, ficaram comigo. E a elas devo ser também leal. Por isso, te agradeço, mas dispenso o teu trabalho de menestrel selvagem. Voa para longe! Vai para outros territórios. Olha o verde daquelas árvores mais distantes que enfeitam a casa de Zila Mamede – nossa poetisa. Ela melhor te entenderá; sabe conversar com pássaros, e de certo há de te guardar para sempre num verso, não empalhado, mas vivo como estás agora. Podes ainda, se quiseres visitar outros quintais – o de Grácio Barbalho, por exemplo. Lá, basta que solfejes uma trova bem antiga para que o dono da casa te receba em suas mãos, com bom alpiste, água fresca, ovos e tudo, como no verso de Bilac... Outro recanto ainda te poderá acolher

– tenho certeza: o fronde verde de fícus da terrace da casa de Maruska. Canta por lá, passarinho, e ela te transformará em notícia na sua bela crônica do outro dia. Mas, voa logo, passarinho! Não devo receber o teu cantar festivo, logo hoje, que amanheci traído, só, maltratado por amigos safados e pelo mundo triste! E como não quero ser estúpido contigo batendo a janela no teu canto tão claro e tão belo, peço-te insistentemente que te vás. Adeus, passarinho, e muito obrigado pela tua visita em meu quintal coberto de sol!

Ainda o passarinho

Ah! Arteiro passarinho, esse que há quinze dias passados se hospedou em minha janela. Noticiei o fato e o fato deu o que falar. Um conhecido falou em guardar o recorte da notícia. A poetisa Zila mostrou-se interessada pelo caso. Marise noticiou o fato em sua elegante coluna. Recebi ainda telefonemas com angustiosas indagações:

– Para onde teria voado o bichinho, coitado?!

– Por que não dei hospedagem mais condigna ao pássaro?

– Antes tivesse mandado de presente...

Essas as perguntas e exclamações que me enviaram. E agora aparece uma carta anônima que veio parar no jornal. É de uma velha amiga – digo "velha" na mesma intimidade com que me chama de "velho Newton". Reclama ela não haver mandado para a sua janela o pássaro cantor. Lá, ele teria a melhor acolhida, conversariam demoradamente e tudo sairia perfeito.

Depois em outros trechos, ainda por conta do visitante domingueiro, me deixa encabulado quando afirma que tem muito desejo de conversar comigo, mas acha o "acontecimento" improvável. "Não vou a reuniões que você comparece..." Mas, moça, que reuniões? A não ser que me queira humilhar e se refira

a encontros humildes de bar, ou noitadas entre amigos, ou o picadinho da feira do Alecrim, saunas nas Rocas, bambelôs no Areial... Só sendo, moça. Porque outras reuniões já não frequento. Outrora, sim; outrora andei perdulário em salões sofisticados, que a crônica especializada chama de "bem". Mas breve desentendi com o outro Navarro verdadeiro que me acompanha e me fez mudar de rumo. Hoje navego noutras águas...

Por isso não entendi bem o "desencontro" seu e meu das "ditas" reuniões a que você se refere. Eu, sim, moça, é que não posso andar pelo seu mundo maravilhoso de Alice em país de fadas.

Mas, a sua carta é uma beleza e me fez um sujeito feliz. Garanto-lhe que outra não acontecerá mais, da vez que tiver passarinho na janela sem saber a quem mandar. Mesmo sem o seu nome e endereço ensinarei ao dito o caminho para chegar a sua presença. Passarinho que vive no céu, sobre as cidades, não precisa de nome de rua, de casa ou mesmo do nome da pessoa. De certo, logo ele estará no peitoril da sua janela. E ruflando as asas, a cabecinha altiva e arrepiada, soltará seu canto de amor e de ternura. Aceite-o, moça, porque nesse canto vai um pouco de recado deste seu servo e admirador agradecido pelos seus cuidados.

Passeio na casa

Veríssimo de Melo e Noemia vão mostrando ao visitante amigo a paisagem da casa. Um chão antigo de infância onde o escritor traz de volta os seus filhos para que nas mesmas salas de antigamente se criem eles, e das suas janelas descubram o mundo e os homens.

Primeiro a grande sala, de largas paredes, pórticos que o tempo já vai desgastando, cumeeiras altas, onde à tarde as sombras se dependuram como cortinados. Nessa sala, ó se me lembro e quanto... há de ir murmurando interiormente o dono da casa. Depois, vem o corredor tradicional, juntando as salas largas e se comunicando com os quartos, que para ali desembocam suas portas. Em noites calmas de verão ou no serenar das longas invernadas, o corredor é passagem de fantasmas amigos que vêm conversar ou passear suas lembranças no mundo dos vivos. São fraternais que não assombram, ou melhor falando, bem, assombram com seus panos frios e transparentes a se arrastarem nas pedras do piso.

Vencido o corredor, por onde sempre corre um vento pressago de coisas sobrenaturais, chegamos à sala de jantar. O espaço se duplica, na telha vã o sol faz arabescos graciosos e janela e porta se debruçam para o telheiro da alpendrada que contorna o quintal. Não há necessidade de naturezas mortas dependuradas pelas paredes, porque a natureza viva, de fora,

enche os olhos do visitante. Cheiram as mangas, cheiram as folhas umedecidas e o azul do céu baixa de pronto e parece invadir toda a sala. O visitante senta-se com a família à mesa limpa e bem posta, e é como se estivesse numa cidade distante, num mundo calmo e bom, em meio à alegria dos amigos que sabem receber e demonstram a alegria de suas almas.

Depois do almoço, uma bela travessa de cozido, a boa pinga, o vinho generoso, o doce feito pela dona da casa, em sua cozinha tradicional, vamos até a alpendrada olhar o tempo. Ah, então é a visão das belas mangueiras, companheiras de infância do dono da casa. Os muros lodosos, outras árvores conhecidas, o brinquedo dos meninos pelos cantos, o céu azul, azul, na tarde que começa... Que paz enorme! Paz das casas antigas, casas de amizade, casas eternas e boas como a alma dos seus fundadores, que se completam no sentimento dos atuais moradores.

O livro do Des. Silvino Bezerra

Meu amigo, Des. Silvino Bezerra, mandou-me seu mais recente livro de poemas. Aproveito a tarde de domingo para ler seus versos. Não sei o que pensam do seu trabalho. Jamais fui dos que leem por indicação de terceiros. E neles, na opinião dos outros, firmam a sua própria opinião. Leio o que me interessa e sei gostar dos assuntos que me agradam. Esse livro que agora tenho entre as mãos é todo construído com esse raro sentimento da bondade e da simplicidade, tão raros em nossos dias. Jardim fechado de lembranças. Reminiscências da cidade antiga. Pano de boca sobre um tempo inteiro que passou. Que "já foi". Que se esfumou, muito embora deixasse na alma de tantos o doce sabor dos dias vividos.

O domingo se povoa dessas lembranças que me parece serem recontadas pelos meus parentes mais queridos. Outra vez na sala de minha avó, é como se escutasse as ternas evocações que, tantas vezes, me fez da sua infância e da infância mesma da nossa cidade.

O Des. Silvino plantou as flores de lembranças e elas despontam na simplicidade dos seus versos. Não há neles a pretensão dos altos rasgos literários. A profundidade poética. Não. Brotam da alma, como um pequeno riacho. Fio de água limpa e marulhante que desce entre sombras da grande selva dos dias conquistados. E no veio que marulha, as sombras dos

que se foram vão passando. Passam ruas, pessoas, fatos. Desce a lanchinha rio à fora, nos rumos de Macaíba, os lampiões fumarentos pelas ruas; os trotes do Ateneu; o Passo da Pátria e feira – tão lirica do Passo da Pátria...

Belo recanto de ternura esse livro que folheio com tanta emoção. E invejo, francamente invejo, não ter eu a pureza do sentimento para que a minha mão debruçada sobre a folha clara do papel no silêncio de minha sala, traçasse de minha cidade o seu perfil tão humano e tão simples. Como quem conta estórias a uma porção de crianças amadas. Livro que é assim um jardim fechado das mais caras lembranças. Flores de ternura.

A verdadeira homenagem ao poeta Otoniel

Fala-se, outra vez, numa homenagem ao poeta Otoniel Menezes. Já assisti a muitas dessas, e no final das contas, nada vi de prático que testemunhasse ao poeta, além de abraços, discursos chorosos e dedilhar de violões, uma prova mais presente e duradoura do nosso sentimento de admiração ao cantor de Praieira.

Otoniel Menezes, príncipe da poesia natalense, doente e afastado das igrejinhas literárias, às quais nunca pertenceu, recolhido e franciscanamente entregue às suas conversas com Deus, volta ao cabeçalho das notícias e das crônicas anunciando-se em torno do seu nome e de sua poética uma série de homenagens.

Não aderi de pronto, porque tenho a certeza de que vivo numa permanente saudação ao meu amigo, poeta dos melhores da minha cidade. Sei as razões do seu mutismo, o sentimento disciplinado na humildade, a descrença nas coisas do mundo, a valorização do espírito sobre as vãs roupagens do efêmero.

Que adiantaria ao poeta enfermo a loa entoada aos seus ouvidos acostumados aos cantares mais puros de sua alma admirável? Os discursos, as palavras estudadas, que somente comoveriam seus sentimentos e afligiriam a calma da sua alma torturada? Evocações já bastam ao poeta, aquelas que se as carrega bem guardadas, como tesouro, trazido do jardim fechado de suas ternuras, ou de uma cidade perdida...

Penso que mais certo seria que essa homenagem adquirisse uma feição mais efetiva ao lado de sua afetividade. Uma retrospectiva de toda a sua obra, numa das nossas livrarias. Um levantamento completo de sua bibliografia, e num leilão a que toda cidade estivesse presente pelos seus mais altos nomes de inteligência, cultura e capacidade de iniciativa nos muitos outros terrenos da comunidade, nesse leilão presidido e encabeçado pelo governador, pelo prefeito, pelo presidente da assembleia da câmara, pelos diretórios universitários, valorizando a sua obra, entregarmos ao poeta doente, não o auxílio que humilha, mas o preço alto e nobre da sua construção e do seu trabalho no mundo fabuloso da criação poética. Na Bahia, ainda há pouco, o governador Juracy Magalhães ia à praça pública, com secretários de estado e junto a artistas leiloar obras de arte, numa homenagem aos seus criadores.

O exemplo poderia se repetir em Natal. É essa a minha participação na homenagem que se quer prestar ao poeta maior. Os pintores doariam quadros seus, desenhos, esculturas, gravuras, para juntamente com as edições mais raras de Otoniel serem leiloadas em favor e homenagem ao cantor do nosso Sertão de Espinho e de Flor.

Deixe a ideia e desde já me entrego ao serviço.

Otoniel – meu poeta

Posso dizer que o meu conhecimento com Otoniel vem de casa antiga da minha avó. Um conhecimento ainda de ouvir dizer, ou mais liricamente de ouvir cantadas as modinhas, onde seus versos comunicavam ao menino que eu era as primeiras mensagens de poesia. Otoniel residira perto, e, tantas vezes, me contaram, fizera serenatas, ao lado de companheiros, no oitão da velha casa ou sob os fícus da antiga Rua Nova.

Vim a conhecê-lo muito depois, pessoalmente. Já era um homem triste, solitário; vendo da sua cadeira de embalo, numa ruazinha calada, a sua "Cidade Perdida" afastar-se, esfumar-se, perder-se enfim... Muitas vezes ouvi na sua própria voz palavras de amizade, o aplauso honesto, verdadeiro e a saudação cordial. Mas, em tudo, havia de despontar da alma enorme do poeta, o desconsolo que o mundo lhe entregara. Os poetas padecerão sempre sede e fome de justiça, e que terra povoarão eles, que são talvez os poucos homens de boa vontade?

Otoniel andou meio mundo de aventuras humanas. Fez, certamente, muitas vezes, a viagem em redor do seu quarto. Renascia-lhe sempre da alma ferida a exigência do verso, e o verso nascia como as coloquintidas do deserto, de que falava Gide, que ornamentavam, embora tenham sabor que faz do viajor

um homem cada vez mais sedento. Viveu a sua via crucis, e cada vez mais exilado renunciou a tudo. Ficou entre os filhos, sob o confortador olhar de Maria. À tarde, da casa de um parente, em rua mais movimentada, deixava-se guiar pelo azul e branco das colegiais que desfilavam na calçada...

Vai, agora, o meu poeta Otoniel Menezes, na direção do Rio. Vai nos deixar. Diz que vai de vez... Uma lua enorme começou a subir desde ontem por sobre os arruados natalenses, não sei se somente para homenagear o poeta ou se mais acertadamente ainda para exigir-lhe que fique. Como a lhe dizer que a ingratidão existe em toda a parte. Que os homens são sempre iguais. Que fique, pois, em sua terra, mesmo no martírio desses dias ingratos. Luar que vem tão belo, para testemunhar bem vivamente, que ele, Otoniel, é tão nosso, tão natalense, quanto o nosso rio, uma página de Cascudo, um soluçar de violão tocando músicas de Eduardo Medeiros para os versos de Otoniel Menezes, príncipe dos nossos poetas...

Cidade desfeita em poesia para o seu cronista

Anteontem foi o tempo do poeta Manuel Bandeira. Houve uma pausa, Nosso Senhor Jesus Cristo morreu na cruz para nos salvar e agora, vitorioso sobre os mortais, permite-nos que festejemos o cronista Berilo Wanderley no seu aniversário. A manhã se faz propícia para o evento. Deixei bem cedo que o sol matinal me despertasse. Comecei desde logo a festejar o poeta. E pensei: meu Deus, que direi hoje, quando sentado à máquina, me dispuser a escrever mal traçadas linhas a respeito do grande amigo B.W.? Pensei um pouco e em breve descia pela manhã aclarada, em direção do jornal. Resolvera, então, anotar as coisas que ia encontrando pelo caminho, e, apuradas as mesmas, oferecê-las todas ao poeta, como lembrança e sentimento da cidade. Eis o que vi:

Primeiro vi crianças brincando na calçada. Uma colhia essas florzinhas vulgares que nascem no meio da rua. Mas, ao toque de suas mãos delicadas, a pequena flor quanto que ganhava em beleza e graça! A sua humildade era exaltada. Depois fui seguindo e vi ao longe águas do mar. Panos de nuvens, como se uma grande nave estrangeira viesse em direção do nosso porto. Continuei. Passou um filisteu impando dentro do seu automóvel... Bem, mas isso não interessa. Não vale. Depois era uma jovem enfermeira que saia do seu trabalho, talvez de toda uma noite de

vigília, e ia com olhos sonolentos descansar. Continuei recolhendo da manhã o que a vida me oferecia para entregar ao poeta. E vi, com olhos bem deslumbrados, vi os girassóis que lentamente, quase misteriosamente se moviam, acompanhando o belo sol do Tirol. E veio então a vez do pequeno jerico, um burrinho magro e triste (quem sabe, Berilo, se Platero?) à sombra de um velho flamboyant. Cabisbaixo, parecia ouvir a linguagem colorida da árvore. Conselhos ou palavras de amor lhe segredava a ela? Não sei. E fui embora e nesse embora encontrei ainda mulheres, crianças e montes de frutas claras e coloridas nas calçadas. Encontrei pobres já aflitos nessa manhã de aleluia. E me deparei com risos e chagas dessa cidade nem sempre amena. E vi por fim o nosso rio. Teu rio, poeta, com aquela mesma barca que um dia viste, entresonhada e forte de poesia e emoção, cercada de albatrozes baudelairianos, quilha acesa de aventuras, santelmos a incendiar os mastaréus altos, e no pulsar da água do rio que fazia arfar a própria alma da barca, o louco coração de todas as perdidas mulheres que amamos em tardes e manhãs, noites e auroras, e (parecia), todas estavam presentes para encerrar esta crônica cantando breve cantar de amigo para você, meu poeta!

De Renato Caldas

Recebo de Renato Caldas, meu velho e querido amigo, um poema que logo mais abaixo transcrevo. Vem num bilhete, valendo como resposta a uma carta que mandei, escrita num instante de boemia, quando as lembranças do poeta aumentaram um pouco o resultado: mal traçada linhas foram mandadas pelo fiel "correio" Expedito Silveira. Deixemos que o poeta Renato fale:

O imortal

Eu não irei morrer,
Não.
Irei sempre viver,
Como tenho vivido.
Os tecidos que desçam
e apodreçam,
alimentando germes no jazigo.

Não sou matéria.
Sou centelha.
Sou a vida da vida
que há milênios de séculos
na caminhada etérea
da função,
reanimo corpos, dando-lhes expansão

A centelha é eterna
É infinita.
Tudo vive...
– Nas pedras de uma igreja,
Nos bancos da taberna,
Viceja
e habita
à luz da Vida Eterna!!!

Eu não irei morrer.
Não há consumação
para a vida imortal.
Na minha trajetória sideral,
irei resplandecer
e deixarei meus rastros,
nos cometas e nos astros,
até chegar um dia à perfeição.

Eu?
Eu não irei morrer.

Simone na poesia

De todas as minhas muitas dívidas, a maior é que tenho para com Simone. Bem aparecida, dias passados, no lar dos meus amigos Nei e Sidineide. Mais uma amiga, portanto. Mais uma voz para eu guardar os sonidos de ternura e amizade. Serei eu merecedor de Deus, para ter ao menos o direito, de ainda em vida, ouvir Simone pronunciar o meu nome? Não sei, sou pobre demais para que Deus me faça favores dessa ordem. Mal me ouço quando falo e meu nome, mesmo na boca de mulheres bonitas, perde a sonoridade, se dilui num demorado responso... Mas, falemos de coisas alegres. Simone domina o calendário. Alegra os amigos, aclara a cidade. A lua se faz cheia. Um brilho audacioso sobe das águas para o estelário e esplendente. Ouço violões na noite, em tangencias álacres. E uma rosa rubra subiu do chão do meu jardim para a vida das ruas. Simone habita as infinitas arquiteturas da amizade dos seus pais. Mas, muito melhor que isso tudo, muito melhor e mais sábio, e mais terno, é o depoimento do poeta Nei, que deixando correr o grande curso emocional de sua alma, diante do berço claro de Simone, escreveu:

Dádiva

A Simone

Depois de tudo, filha, como oferta,
o que existe de mim e menos meu:
em tuas mãos imponderáveis eu
deponho o peso dessas mãos incertas

que não sabem sequer dizer adeus.
Dos meus olhos te entrego o claro-escuro
em ver as coisas sempre além do muro
erguido – onde talvez se oculte um deus.

Da boca, esse silêncio que renovo
com palavras (porque verás, não somos
nós). Não queria, filha, mas devolvo

a ti esse atavismo antigo: dor,
perplexidade. Guia-te. Tens como
centro da gravidade o meu amor.

No rumo do mar

Até que enfim, em meio a tanta legenda vulgar, tanto fraseado repetido, tanta embromação da grossa, temos uma legenda verdadeira. “Rumo ao mar, com Oscar!” Que melhores rumos a tomar senão esse que o candidato aponta? Para que coisa melhor do que o velho mar, para onde Oscar nos quer levar a todos? Francamente, a legenda tem o seu lirismo. Não nos comanda ele para cadeiras, câmaras, ambulatórios, creches, hospitais etc. Não. Nos aponta o mar. Vamos todos para as bandas do mar, onde o clima é mais sadio, o ar puro, e quando nada mais houver estaremos todos a ver navios...

A campanha já se estira de ponta à ponta da cidade. Vejam bem que o verão vem aí, o verão e Oscar. Já estamos por demais cheios de tanta cidade; vamos para o mar, naturalmente com Oscar. A água, um samba afirmava com certeza, água lava tudo, só não lava a língua dessa gente. Então essa gente que vá também lavar a língua na beira do mar. A língua ou o que queiram.

No final das contas, resta apelar para que o candidato seja otimamente sucedido. Que o acompanhemos de fato até bem perto do azul. Porque, se caso a sua máquina política vier a falhar, então o grito vai ser mais sério, e a legenda temerária: “todos ao mar com Oscar!”

Conversa com Sanderson em três tempos

Foi uma conversa muito simples. Aconteceu assim, informal, num encontro de bar. Indaguei coisas do mundo, da gente, da cidade, e o poeta foi respondendo. Aí vai a conversa, como se os nossos leitores amigos estivessem conosco, ouvindo Sanderson conversar.

"Para começar, diria que a nossa geração 'é uma só vez'. Não se desdobra, nem tem necessidade de mudar. Acreditamos na mensagem mais interior do que exterior da nossa geração, pois, se outras buscam alguma coisa (e isso é função óbvia de qualquer geração), nós buscamos em termos de angústia e de indisciplina a verdade das coisas, o coração oculto das coisas. Nossa mensagem não é secreta, porque perseguimos o humano, o improvável do humano e a harmonia que existe na desarmonia do humano. Podemos parecer uma geração simpática, mas somos uma geração de revoltados. Entre a revolta que sentiram Sartre e Simone de Beauvoir, que sentia Camus antes de entrar num campo de futebol; entre a revolta de T.S. Eliot, revolta domesticada e os impulsos revoltados de Dylan Thomas, a nossa geração não perde por ter sido sempre uma geração lúcida e bem informada". Continua o poeta: "Nossa revolução foi sempre a revolução do espírito. Inquietos, jogamos em todos os lances existenciais se não descobrimos

a possível verdade interior, descobrimos o coração das coisas. Nascemos sob o signo dos melhores trópicos – o trópico de Câncer e Capricórnio – e em nosso horóscopo nunca reinaram as segundas-feiras, mas sempre a possibilidade de um domingo. Somos filhos de uma época nova. E uma coisa então conseguimos: demonstrar a esta cidade que o valor do espírito é tão alto e definitivo, que nem séculos de vida no Rio Grande do Norte conseguiram demonstrar. Se não houve uma obra definitiva, nossa geração abriu caminho para que essa obra seja realizada. Nós fomos humanos, não muito ecléticos, pouco atléticos, mas de uma densidade espiritual que fez com que os nossos anjos da guarda nunca nos abandonassem".

(continua)

“Mundo inquieto, mundo selvagem”

II

Sanderson Negreiros faz continuar a sua conversa. Os leitores escutam. “Não é só este nosso mundo inquieto, mas sobretudo este nosso mundo selvagem. Lembro Nietzsche, a teoria do eterno retorno, ou mais: um tempo dionisíaco e afrodisíaco. Zaratustra falou nas selvas (e é bom lembrar o verso de Valery Larbaud, onde ele falava das selvas futuras que ondulavam no coração dos homens), o homem era antes de tudo a possibilidade de dominar as selvas do mundo, solitariamente. Hoje, sob uma perspectiva diferente, ao povo que conhece as florestas do mundo. Nossa geração não tem fé no materialismo dialético. Tem fé no Absoluto. Nossa geração não desanima de acreditar em Deus. Porque Deus é ausência; é uma forma simpática de saber-se presente nos desesperos dos homens. Quando o homem desistir de Deus, não desistirá da vida, vai desistir, inclusive, da morte. Se Deus encaminha a humanidade para um desacerto atômico, Ele, naturalmente, cansou de ser humano. Ele cansa do humano porque é profundamente humano. Se nossa geração conseguisse explicar, como Gauguin, solitariamente procurou explicar (e sabia que nunca seria possível) ‘de onde viemos, o que somos e para onde vamos’, nós seríamos uns reis,

solitários reis num castelo, tímidos pela descoberta, improváveis pela dúvida e silenciosos pelo medo.

Mas, se somos contra o materialismo dialético, medíocres seríamos ao esquecer do que hoje se passa na Rússia, na China, nos países detrás da cortina de ferro e em Cuba. Se Deus escreve certo por linhas tortas, Ele pode escrever torto por linhas certas. Ninguém se iluda, já dizia um dos maiores sociólogos do Ocidente, que a maior contribuição do nosso século era que a mensagem esperada não nascesse do Oriente, mas do Ocidente. Aí, mais uma vez ficou provado um determinismo geográfico. Nosso Senhor Jesus Cristo não quis esquecer o Oriente em que nasceu."

(continua)

“O homem – esse mendigo do absoluto”

III

“Prefiro ser um indivíduo inteiramente condenado por pensar ideias revolucionárias” – Sanderson Negreiros continua conversando, e sua conversa tem qualquer coisa de todo um depoimento de geração. O seu convívio com a terra dos homens lhe entregou conhecimentos para ditar resoluto um depoimento que transcrevemos agora. Continua (admitindo que a revolução é a única possibilidade que temos): “prefiro ser um indivíduo inteiramente condenado, do que ser um poeta jovem, condecorado em cima de tapetes públicos, e pior: sob os tapetes privados do bom senso, da boa norma e da boa vida. Compreendo a ‘dolce vida’, mas a ‘dolce vida’ é uma solidão desesperada. Admito a solidão e o meu velho mestre Tristão de Ataíde (o único mestre que poderia modificar minha vida e a vida das minhas modificações) sempre me ensinou da necessidade de solidão na vida desesperada do homem. Não admito nenhuma fórmula de desespero. Admito fórmulas do homem só: sua incerteza e sua capacidade de saber-se puro, inteiramente puro, capaz de sentir a mesma capacidade de solidão e de poesia (sabendo sempre que o homem é um mendigo do Absoluto), cuja intenção

era a mesma da alma do meu grande poeta Einstein, que não consentia a morte de uma formiga, que essa morte poderia prejudicar seus cálculos matemáticos.

Acredito no camponês igual ao fazendeiro; acredito na prostituta reconduzida a um ideal humano e definitivo; acredito na soberania de todas as consciências, a começar na soberania do homem recalcado que pensa que não tem consciência; acredito que os ricos não serão mais ricos; acredito que a propriedade privada nunca foi aprovada por N. S. Jesus Cristo; acredito que é inadmissível eu ter hum milhão de cruzeiros mais que um irmão meu; acredito que os reacionários serão definitivamente lançados ao fogo do inferno. Tragam tudo, mas tragam Cristo, Ele é maior do que pensa a vã filosofia, de Shakespeare a Karl Marx.

Nunca ninguém se iluda: a revolução vem, virá, tem que vir, porque ela é uma sobrevivência, e N. S. Jesus Cristo ficará muito feliz com essa solução, mais do que Carlos Lacerda".

Santa Cruz! Santa Cruz!

Homenagem especial a Rita Pililiu e o lírico Passarinho.

Pobre moço de jornal, venho com o maior respeito escrever estas notas sobre Santa Cruz. Não a lírica pátria de Rômulo Wanderley, pastos gerais, verdes campos nativos onde o poeta Berilo em suas cismas vai viver horas de tédio e solidão. Mas, Santa Cruz, a de Inharé, luminosa sob os arcos voltaicos que Paulo Afonso sustenta; primeira entre as cidades do sertão, terra outrora de Rita Pililiu (quem eras, Santa Cruz?) e sempre honrosa pátria do poeta maior Sanderson Negreiros que, de cada viagem que faz ao querido rincão, traz uma leva de novidades. E diz como informes precisos como passam as serras, o verde como se comporta, as águas como cantam, e o celebérrimo "cangerê", hoje de fama internacional "Cubas e Havanas", que novas aquisições conseguiu para a sua *troupe* famosa.

Ah, Santa Cruz, luminosa cidade! Alta, mais alta agora no pedestal da colina, com verdes tão lindos a escorrer pelas escarpas. Mais do que nunca, agora, depois da passagem, da estada e das palavras presidenciais, a tua excelência se faz mais distinta. Chamar-te-ão patriazinha, cidade floral, cidade padrão, sei mais o quê! Com mais respeito, o teu poeta Sanderson, ao te pronunciar o nome, fará como o mestre Rubem Braga ouvindo falar de Cachoeiro,

levantar-se-á solene e emocionado. E ao escrever qualquer coisa onde apareça teu nome, acrescentará convicto: “Santa Cruz, modéstia à parte, senhores...”

Teus bêbados ainda mais líricos, teus circos de nomes fantásticos, ainda mais fabulosos, tua cor mais nova, mais acesa, sob os espantos de luz que a cachoeira mandou. Que direi dos teus luares, um daqueles que assisti do alto da casa do meu amigo Mons. Emerson, numa noite de maio? Terão apagado teus luares com tanta luz elétrica? É o que me inquieta por instantes. No mais, minha saudação. E sabem os teus amigos que vai ela sincera. Santa Cruz, Santa Cruz! Mais do que nunca rimando com luz etc., etc.! E Rita Pililiu, como encarou o problema da eletricidade? E aquele bêbado famosos, nosso irmão Passarinho em Nosso Senhor Jesus Cristo, que em noite de carraspana se punha a olhar e entender estrelas? Que constelação será essa, com essa luzão toda?

São esses os meus recados. Meus louvores. Eu que sempre te quis na amizade de Sanderson, nosso poeta. E vai agora, nestas mal traçadas linhas, meu canto de louvor, pensando em como não deves andar vaidosa com teus novos enfeites, embora, pense ainda comigo que tudo vai muito bem, progresso, energia e tudo mais, embora, repito, nada tão belo quanto o teu inverno que ilumina mais, e chega a fazer chorar os olhos tão humanos de Rita, de Passarinho, e dos teus muitos outros tipos sentimentais...

Xaria

Xaria era grito de guerra de gente da Cidade Alta antigamente. Os canguleiros ficavam em baixo perto do mar. “Xaria não desce, canguleiro não sobe!” Eram as ordens de lá e cá. Assim conta o mestre Cascudo. Hoje, o grito tem ressonância no passado. Ficou na lembrança das grandes rixas líricas. Vive na saudade de muitos.

Talvez numa homenagem tão feliz a esse tempo, os promotores da primeira lojinha de arte, em Natal, meus amigos Diógenes e Paulo de Tarso, resolveram batizar com o nome de Xaria a sua loja. Começam bem, valorizando as estórias da nossa beleza de povo ao tempo em que “a luz elétrica vinha com a lua cheia” e havia pinicados de viola para as bandas do Areial. Os xarias antigos ficavam pelos altos da cidade, em serestas mais organizadas, seus boêmios, à maneira parisiense, pelo Magestic, fazendo versos e discutindo amores e artes. A esse tempo, Xaria, lojinha de arte natalense, presta a sua homenagem.

Abre hoje à noite as suas portas aos aficionados, ao povo em geral. Nas paredes dentro de um clima do melhor bom gosto, mostrará nossos pintores, artistas, do povo, peças saídas das mãos mais humildes de artesãos da cidade.

Já de muito, precisamos de uma iniciativa dessa ordem. A cidade vai crescendo. Os turistas, com o apa-

recimento do novo hotel, estirarão até aqui suas viagens. A lojinha Xaria vai preencher um grande claro.

Os promotores, donos da iniciativa, são gente da melhor ordem. O bom gosto, o saber escolher o melhor, e, melhor ainda, apresentá-lo, é coisa séria nas mãos de Paulo de Tarso. Diógenes supervisiona a loja, orienta, estuda muita vez para que desse esforço conjugado brote o autêntico, o verdadeiro, o que possa dizer de fato da nossa medida de arte.

Xaria não será somente um acontecimento no comércio de Natal. Será uma espécie de galeria, porta aberta aos olhos de quantos vão apreciar, com mais apuro, o que vamos fazendo no campo artístico. Nossos pintores terão mais facilidade em vender o seu trabalho, valorizar sua arte, ter no público o interesse e a aceitação.

Não é só vender o quadro, a escultura, o desenho. É também orientar quanto a saber usá-lo numa sala, num canto da casa, na mesa do escritório. Isso o bom gosto dos donos da lojinha orientará.

Meus votos de sucesso aos donos da lojinha. Xaria, hoje, nome de guerra para o mundo das nossas artes. Sonoro e tão natalense como quando antigamente convocava, em nossas ruas, os líricos "guerreiros" de outrora...

Resposta

Mandaram-me uma carta e um poema. A carta denuncia a presença de um moço que lê e sabe o que lê, e tem bom gosto nas suas leituras. Mas, como de costume, nessas primeiras cartas, o autor não assina o nome. Fala de seus planos, dos primeiros exercícios literários, das suas preferências. E, no fim, pede uma opinião sincera, e aí é que a gente que lê, se sente embaraçado.

Aliás, para quem recebe essa espécie de carta, a primeira sensação é uma melancólica certeza de que está envelhecendo. De que já viveu um certo largo tempo, o suficiente para dar conselhos, opinar etc. E isso, convenhamos, nos faz, de fato, cair numa realidade não de todo encantadora. E pensamos então nos tempos em que fazíamos também a mesma coisa, e reclamávamos por incentivo, e tínhamos uma vontade de vencer. Um pouco de tempo mais e a vida nas suas muitas curvas nos atinge com fortes realidades, nos maltrata e machuca, nos joga contra espelhos de realidades cruciais. E a doce confiança das cartas passa num desses ventos maus que cortam o mundo nos dias dificilmente vencidos. Dias em que o sabor da vida mais amadurecida chega a parecer azedo...

Tenho a sua carta entre as mãos, meu amigo. Me identifico mais que tudo com você, quando se diz solitário, entre o sossego de muitas ausências. Sinto

na sua breve mensagem uma prova maior de confiança em mim e mais me sinto disposto a escrever essas vãs palavras que o vento arranca da nossa pobre horta e carrega. Mas, me perdoe, se nada mais lhe digo. Não. Nada tenho nas mãos para me fazer generoso, distribuindo conselhos, e dizendo "faça isso, não faça aquilo". Apenas julgo poder lhe dizer somente: "faça você mesmo o seu mundo". Vá construindo o seu edifício de sabedoria e amor. Não lhe importe o vizinho do lado. Não seja afronta nem medo para você a voz alheia. Esta anda sempre cheia de maldade e inveja. Vá construindo os seus versos. Bons ou maus, um dia serão eles realidade maior, e você, quem sabe, poderá com eles florir a sua solidão aflitiva. E ditas essas coisas, na melhor amizade e confiança, peço-lhe somente que me mande seu nome. Preciso acrescentar mais esse companheiro. E creia-me satisfeito e agradecido pela sua carta.

Iaponi no Rio

Iaponi Araújo, com seus quadros de uma beleza primitiva e ingênua, na Galeria Vila Rica, foi um sucesso. Mas não dizer assim, sucesso, vagamente. Fazer uma afirmação com ênfase, com certeza, se fazendo portador, aqui na cidade, do entusiasmo de toda uma pequena multidão que superlotou por muitas horas a galeria da Barata Ribeiro. Nomes da crítica brasileira, da pintura, das letras, todos ali estavam diante do mundo maravilhoso que Iaponi pintou aqui no silêncio e humildade de Natal, e levou para o Rio como mensagem.

Teve ele a mão generosa e mais que isso quase paternal desse grande sujeito que é o Carlos Cavalcanti, agora com novo livro que a Civilização Brasileira acaba de lançar, e autêntico *best-seller*. Carlos foi em muito responsável maior pela presença e sucesso de Iaponi. Levou-o aos críticos, aos jornais, aos colecionadores, e, por fim, instalou-o numa galeria onde o bom gosto da amiga Ruth Laus se alia ao seu amor pela arte antiga e sabe ser afetiva e também acolhedora para com os novos.

Dos quadros de Iaponi não precisa falar. Natal já os conhece quando de sua mostra em nossa galeria de arte. E Natal, mais que qualquer outro motivo, está nas telas do jovem pintor. Sua alma na alma do seu povo, sua alegria na alegria do seu povo, sua cor e sua paisagem na fisionomia do povo.

Os caminhos artísticos do Rio estão abertos para o quase garoto que Iaponi ainda é. Que saiba ele conservar a ingênua pureza dos seus temas. A poesia simples, espontânea, legítima. Conserve ele o seu mundo de quase criança que ainda vê as coisas nas suas formas mais puras, como se ainda quase saídas das mãos de Deus. Carlos Cavalcanti conduziu-o a esse mundo nem sempre tão fácil aos artistas vindos da província. Iaponi está com tudo. O resto agora é com ele. E essa confiança temos no seu sucesso continuado. Mais que tudo pela sua simplicidade, o gosto provinciano de ser sincero e a fidelidade marcante da sua cor e do seu traço ao corpo e alma de Natal, do seu povo, do seu sentimento.

ABC para o pintor Iaponi

A. Assistir debruçado num muro de lembranças à chegada da infância reencontrada.

B. Buquês de rosas nascendo na mão das meninas que vão à missa... também: um buquê pra minha amada.

C. Congos... nossos reis tem um tesouro – ô lê-lê – e um mineral de ouro.

D."Dá-me uma lapela", dizia a rosa à menina.

E. Embalo de violas para o pastoril dançar, a estrela surgir, a borboleta voar...

F. Fandangos... no mais alto do mastaréu, o gajeiro encandeado com a estrela da manhã...

G. Ganzás nervosos acompanhando o voo da borboleta num pastoril do Areial.

H. "Hoje tem espetáculo!" O circo abriu a grande lona esburacada e as estrelas caíram, de súbito, no meio do picadeiro.

I. "Inácia, minha fia, venha a ver sua mãe Nossa Senhora passar!" – E Inácia, nem, nem...

J. Jogo de cartas numa "sueca": a dama traiu o Rei e se foi com valete dar uma voltinha pelo sete-e-meio.

K. K, somente Kyrie Eleison da missa de festa.

L. Ladainhas de maio. Lavadeiras no rio. Ladeiras para a infância...

M. Moreno de Maria, boca da noite, sereno...

N. Natal: uma torre entre uma letra e outra, e um sino tocando. Com pouco vem a estrela da tarde apagar tudo isso!

O. "Ondias!" – "Ondias não!", dizia o treinador do fandango: "Ondegas!" e a nau se punha a navegar, sete anos, ó tão linda!

... e assim por diante, e tal!

Agora, nesse silêncio maior...

Agora, já há um silêncio maior sobre a tragédia que feriu tão de cheio a alma boa de Odilo Costa, filho. Os amigos mais próximos estiveram ao seu lado; disseram-lhe a palavra difícil do consolo difícil. Os que tinham coluna em jornal fizeram mais: juntaram ao pesar, o grito de revolta: que olhassem no menino assassinado uma advertência maior, terrível, presente e viva, pesando sobre a leal cidade de São Sebastião. E começaram providências. Diligências, buscas, batidas gerais. Não sei se já terminaram, vivendo apenas a oportunidade da hora trágica, gritada em manchetes de quase todos os jornais brasileiros. Trágica hora noturna de Santa Tereza – lugar tão ao contrário para tudo aquilo, lugar para um noturno de paz, treva cheirosa de flora molhada, nevoeiros ralos, rumores distantes da cidade insone e inquieta. Santa Tereza da paz amorável que Odilo Costa, neto, levava no seu belo coração de moço, e já homem feito e mais gentil-homem.

Agora, há um silêncio maior. Notícias outras tomaram o lugar daquela notícia. Outras mortes, assaltos, greves, inquietações, desassossego deste país desordenado. Agora, então, penso que me cabe dizer, daqui da província, que Odilo, neto, tanto amou (tão de repente!) o sentido e demorado adeus ao amigo mais moço, e, no entanto, tão capaz de o ter sido mais

tarde e sempre, o mesmo dos alegres dias daquele verão em Natal.

Mas, que dizer a Odilo, depois de tudo o que já disseram, não mais a ele, é certo, mas ao coração desolado do seu pai? Que escrever mais? Que relevo mais sentido acrescentar ao trágico final daquela hora noturna de Santa Tereza? Não. Vou apenas relembrar melhor Odilo Costa, neto. Pensar como eras. As manhãs natalenses a dourar-te a cabeleira revolta. Teus gestos calmos e livres. A insistente vontade de se fazer presente a tudo, sempre, acordado, desperto, para que nada da breve temporada fosse perdido. Enchendo os grandes olhos buliçosos de praias, marés bravias, noites com estrelas altas, coqueiros, lua, rostos curiosos de pescadores do Canto do Mangue, ferreiros do Alecrim, "coquistas" das Rocas. Relembrar-te tão vivo, Odilo, assim como quando não mais querias a hospedagem amiga que o Gov. Aluízio Alves te oferecia, em sua própria casa, ao lado dos teus pais, mas trocá-la pelo hotelzinho provinciano, onde a hora de voltar custava o tempo das estrelas e podias, mais à vontade, ficar conosco, para ouvir cantigas de violeiros, beber "batida", olhar o rio, as luzes da Redinha piscando ao longe...

Relembrar-te assim, tão liberto e apaixonado pelo Nordeste que descobrias. A luz forte desses sóis nordestinos, as cores, os sons, os gostos, tudo fazendo de ti o que nós fomos no tempo admirável dos teus

festivos dezessete anos. Relembrar tua saída, depois. O natural dizer “adeus”, sem protocolos, resumindo tudo num “até logo”, gesto que disfarçaste, jogando para trás a mecha do cabelo revolto, embora soubesses tão bem quanto já te queríamos, quanta certeza tínhamos do teu bem por Natal, pela sua gente simples, pelo seu tempo azul e claro.

Deu-se depois de tudo isso, o impacto cruel, difícil e impossível de se aceitar. Teu nome nos jornais. Teu retrato (os mesmos cabelos revoltos), teu olhar ainda cheio da nossa paisagem que levaste naquela manhã. E tanto essa presença em ti da nossa cidade, e tanta a sua cor nos teus olhos mortos, tristes e parados, que chegamos, Odilo, chegamos a sentir, realmente, que feriram também a nós todos. Nós, de Natal, que ainda te queremos, agora, em meio ao silêncio que desce de tua casa grande de Santa Tereza, até nós, e se espalha pelo azul natalense, este azul que carregaste um muito nos olhos ainda tão de infância...

Geração dos maus

Geração dos maus é o livro. José Humberto Dutra, seu jovem autor. Juntos, valem o depoimento de uma geração, ilhada nesta amarga cidade. Violentos às vezes, outros comedidos, mas sobremodo humanos. Em tudo a alma a se chocar com a vida da cidade que cresce e mais decresce na maneira de como entender as pessoas e ajudá-las. "Cidade de tédio – como diz seu autor – cercada de cabarés por todos os lados".

Li demoradamente, algumas páginas reli, primeiro livro de José Humberto, e a sua leitura valeu para me fazer crer na verdade que há com tanta autenticidade plantada em cada página. Um depoimento corajoso. Um documentário também, onde o moço escritor, no surpreendente talento de sua interpretação e na maneira com que trata seus personagens, revela uma visão maior da cidade e dos seus habitantes.

Geração dos maus não poderá ser jamais o livro amargo que alguns poderão supor, fruto de um desabafo. Não, muito maior nas suas limitações, é uma mensagem de humanidade, onde em tantas passagens o autor se faz humilde. Onde por humanidade deixa no espaço da interpretação um traço apenas do fato que poderia ser esbanjado por um outro escritor desorientado em seu sadismo. O comportamento de José Humberto surpreende mesmo na sua quase

inexperiência de vida e de leitura, pela contensão, pelo absolutamente necessário a criar o mundo real da cidade, a traçar o perfil, a deixar a nu a alma, a indicar os rumos das pequenas Sodomas que pululam à sombra do enfeite social.

E que dizer da alma, do sentimento, da nobreza do moço que a isso tudo descreve? Escrito na primeira pessoa, *Geração dos maus* não esconde nada da vida do nosso dia a dia. Mas também não falseia. Mas, ainda mais, não insulta. E de maneira mais superior deixa entrever os tortuosos caminhos onde pode cair, aos tropeços, uma geração que a falsa sociedade ou a família desajustada pode empurrar numa displicência criminosa.

Seu talento de escritor firmar-se a cada frase escrita e, a par disso, se descobre a sua alma atormentada pela incompreensão, pela dúvida, pelo absurdo quase sartreano que cita o nosso mundo moderno. A náusea desses dias atribulados, o nojo da coisa humana retaliada, o adorno falso ao recobrir na vaidade a carne corroída. Sua paisagem não deforma nada, porque a nada ele acrescenta. Vê, no seu silêncio tantas vezes sofrido, o espetáculo desses dias torturados. Sente o toque da hora, conhece seus eventos breves, pode tentar o grande voo pelo encantado céu da tormenta. Novo Prometeu, igual a todos de sua geração, sente-se arrebatado, e logo mais atado ao rochedo, onde se sentencia a audácia e a aventura. Mas não

desespera. E o milagroso, na sua idade, é esse não desesperar. Sabe a fórmula chapliniana de suportar o amargo. Sabe contornar o denso fumo da coivara que o desespero acende pelo campo enganoso dos fogos de artifício. Sabe ser da *Geração dos maus*, mas não se aceita. Sua fórmula é outra, sua verdade interior pode e realmente brilha à frente de sua alma. E assim, frente aos dias de agressão, ele escreve a sua história, diz seu conhecer as coisas. E sem profetizar nem tão pouco anatematizar, posta-se de lado, contando apenas. Feito assim o personagem famoso a recitar o seu "meninos, eu vi".

Humano demais, verdadeiro por isso, o livro de José Humberto assinala a presença de um jovem artista e lhe desenha nas entrelinhas a alma jovem, limpa, altiva. Seu livro marca um ponto alto na província e ganha um lugar na história do seu tempo. Registro com orgulho esta nota e a isso acrescento a satisfação de ter o seu jovem autor entre os meus mais caros e melhores amigos.

Ateneu

É fácil dizer que está fechado o velho casarão. Mais fácil ainda rodar a chave, trancar janelas e portas e dar as costas para sempre sem levar na lembrança o menor sentimento, sem coisa alguma que possa, em outra qualquer ocasião, lembrar a casa, com toda a sua vida antiga. Será apenas o gesto comum de abandono ou a cômoda mudança para um outro mais novo, mais vivo e mais atual. Mas não será tão fácil assim para muitos outros fechar o velho Ateneu, esquecendo a sua intensa vida passada e para nunca mais possuí-lo na lembrança, saudosamente. Para alguns, o gesto de abandono se processa normalmente. É a rotina: a realidade ou até mesmo o progresso. Para nós, no entanto, quão difícil não foi passar dentro da manhã de hoje e sentir que ele, o Ateneu, estava posto em silêncio. Uma vida palpitava ainda em torno da sua construção envelhecida e dir-se-ia, sem exagero, que ainda palpitava em seu interior um coração que aos poucos cessava o fraterno e o nobre ato de servir com tanto desprendimento e com tanto amor a tantas gerações de estudantes do estado. O mundo continuava em derredor. Os moços tinham agora uma nova casa de estudo. Os velhos se lembravam saudosos do tempo antigo. E a minha "turma", por assim dizer, intermediária entre velhos e moços, parecia mais presa àquele chão, tão fortemente ligada àquela vida que se desmoronava. Lembranças que

acorriam; momentos passados que recuperavam no tempo uma sonância mais nova; fisionomias que se precipitavam no vazio das velhas salas, mas que não se assombravam, antes comoviam; vozes que cantavam baixinho lições inacabadas; discursos, castigos, carões, também isolada, a descoberta de sentimentos que se renovam – aquela criatura que primeiro acendeu nos meus lábios a palavra quente do amor; o instante em que a cabeça se debruçou sobre peito, humilhada sob a acusação cruel e impertinente; mas, em seguida, as claras manhãs de maio com larga praça fronteiriça, cheia das meninas e rapazes do primeiro ano... Assim, estou parado diante do Ateneu quase numa homenagem póstuma, não fosse toda essa vida que ainda tem força de ressuscitar em cada um de nós a vida passada. Um rádio próximo já transmite a inauguração do novo edifício. Tocam dobrados, há discursos, de certo uma alegria nova campeia nas novas salas que se abrem. Mas não sinto essa satisfação, confesso. Sou um sentimental, "pé duro" e quase desajuizado. Mas estou perto de ti velho Ateneu. Ainda estou à tua sombra, como sempre, como antigamente estive. Posso ter os olhos molhados; sim, estou certo de que os tenho. Estou meio besta, mas estou contigo. Como se agora mesmo fossem carregar para sempre o teu perfil e a tua alma. Quero não perder um só minuto desse resto que te sobra. Eles lá que festejem o novo edifício, é um direito e fazem muito bem. Eu,

de minha parte, sinto que devo ficar aqui onde estou. Como ao lado de um grande amigo que fosse aos poucos desaparecendo e já não tivesse nos olhos a chama que vem espontânea do coração e que faz tantas vezes com que a mão estremeça dentro da outra mão, que se imobiliza para nunca mais. Essas paredes, francamente, eu vos garanto, tem uma grande alma!

Nota: É uma crônica antiga. Escrita ao tempo da mudança do velho Ateneu. Não teve possibilidade de ser publicada àquele tempo, razão porque o fazemos agora numa homenagem ao mestre Celestino e aos companheiros de turma de 48.

Mauro Mota em Natal

Nossa melhor saudação ao poeta Mauro Mota nesta manhã de dezembro. Bem-vindo poeta. Amigo fraternal de todos nós. Amigo da cidade. Aqui estamos todos os que tanto queremos ao Recife quanto ao chão de casa. E para que mais se fizesse claro, cantante e vivo esse nosso gesto, poeta, reinaugurou-se na estação um tempo novo. Tempo que os dias fazem mais admiráveis. Aí estão os azuis acendendo. Os nossos morros. Os ventos ajuntando com gestos mansos de pastor essas nuvens "altas, brancas e sólidas". Os doces frutos da estação. A canção da água sobre a água antiga do rio.

Somos felizes e simples nessa acolhida que lhe damos. Tão nosso é você, natalense o seu fraternal gesto de sofrer lembranças, amor, ternura pelas coisas antigas. As mesmas praças com retretas. As moças antigas, presas do tempo, em camafeus. O piano, a lição de música. O cheiro dos jasmins acolhedores. O cheiro popular das ruas de jasmineiros... E as tardes de regata! Paisagens da infância... Leves aquarelas de um Duffy nordestino. Mas, poeta, nada tão mais alto, mais despontante, mais eterno, de que esse galo matutino e vesperal também. Seu canto metálico preso na garganta (para quando, para que denúncia de traição, para que anúncio de aurora?). Sua plumagem de veludo, que os ventos bravios arrepiam. Sua paz

serena nas invernadas. Galo na haste da nossa torre mais natalense. Galo pernambucano no catavento de infância. Um só apenas, no grande vale desses dias calmosos aguardando a hora de anunciar, com seu cântico grave, a definitiva vitória da poesia por sobre todos os campos e os homens de boa vontade, nesse cinzento instante de solidão, apreensões e vagares...

Brennand

A casa de Brennand é uma permanente declaração da arte do pintor. Pelas vastas paredes das salas e corredores, a cor viva e luminosa dos seus quadros fala uma linguagem de harmonia com a paisagem de fora: os verdes, os vermelhos, os amarelos de Camaragibe.

Ali fui encontrar o meu amigo na calma da manhã chuvosa, entre os seus quadros e desenhos, recebendo-me com generosa e fraternal acolhida. Se não falasse Brennand, no silêncio da sua grande sala senhorial, suas cores sustentariam comigo o mesmo cordial diálogo do pintor.

A flora estuante de vida e a mística figura dos torturados São Sebastião – constante na arte de Brennand, valem assim como cautério na tortuosa expressão da angústia dos nossos dias. E ali, naquele mundo, ele fabrica sua mensagem colorida, numa afirmação quase única dentro da pintura brasileira, de procura nas fontes mais autênticas e mais profundas da alma popular. Os humildes artistas do povo, os desenhistas anônimos, os decoradores populares, toda essa riqueza de vida feita arte segue no traço puro do pintor a quem vem se ligar a beleza do esplendor da flora nordestina. E daí aquelas mulheres no repouso sensual entre folhagens luxuriantes. E aquela selva fantástica que irrompe, amenizada de luz, ou muita vez por essa mesma luminosidade posta em projeção de alarme

harmonioso, mensageira da força que as raízes mandam da terra poderosa e fecunda.

Natal recebeu essa mensagem de beleza e guarda por esses dias, na sua Galeria de Arte, a presença de um verdadeiro artista. No melhor sentido da palavra. Levando na sua alma a confiança de fidelidade ao seu povo e trazendo para as suas telas o calor e o colorido da sua terra deslumbrante.

III OLHAR GUARDANDO

"Olhar calado, enchendo a alma e os olhos de cores e de movimentos. Olhar com unção religiosa. Olhar guardando"

"Olhar guardando" reúne depoimentos de Navarro sobre grandes artistas brasileiros que conheceu. Nomes que não necessitam notas explicativas. Na coluna sobre Goeldi, aparecem os poetas potiguares Homero Homem e Walflan de Queiroz. Na crônica "Joaquim Cardozo no Recife", há referência a um grupo boêmio potiguar-pernambucano, do qual fazem parte o poeta pernambucano Carlos Pena Filho, Tales Ramalho, potiguar que foi depois Deputado Federal por Pernambuco, José Gonçalves de Medeiros, depois secretário de Estado pelo RN, o poeta pernambucano Tomás Seixas e alguns outros.

Ao último texto desta parte, referência ao poeta pernambucano Ascenço Ferreira, acrescenta-se o poema "Rua do Rio", "onde Lula Higino é lembrado". PTCM ■

Vitalino nos céus de Caruaru

Pelo que informam os jornais, mestre Vitalino de Caruaru foi fazer seus bonequinhos no céu. Esse mundo anda meio desorganizado, clima não muito certo para artista da sensibilidade e alma de Vitalino. Moldou o barro da terra caruaruense muitos anos. Na sua tenda humilde, à margem de uma estrada sertaneja, construiu um mundo mágico de beleza verdadeira. Não entendia o esnobismo com que muitos tentaram mutilar seus trabalhos. E até mesmo, em parte o conseguiram, comercializando grande número dos seus bonecos que de Vitalino mesmo quase nada tinham mais. Feitos em série, os boizinhos tristes, carimbados na barriga, tão distantes dos pagos natais onde outros bichos do mestre pastam o bom pasto da pureza dos nossos artistas populares.

Ao que dizem, morreu quase à míngua. Sem assistência do médico e de padre, para se passar para a melhor. Mas, convenhamos, que adiantaria a presença desses senhores, se Deus Nosso Senhor queria mesmo que Vitalino fosse lá pra cima fazer seus bonequinhos, somente para sua coleção particular? Não adiantaria. Foi-se mesmo aos cuidados dele mesmo. Passaporte azul do céu lavado de chuva caruaruense. Imagino agora, Vitalino, num chãozinho de nuvem prenunciadora de inverno, moldado boizinhos de nuvens, e Deus, a mão no queixo, cochichando com São Francisco: “Mas, esse Vitalino, seu Chico, não há quem possa!” E os dois rindo a bom rir...

Pancetti

Mais uma vez o velho Pancetti volta às manchetes dos jornais. Uma grande retrospectiva dele enfeita o museu de Arte Moderna do Rio. Seus autorretratos, suas marinhas, suas naturezas mortas, seus retratos. O velho Pancetti quase todo, quase inteiro, sua grande alma nos verdes e azuis da Angra dos Reis, de Amaralina, Rio do Fogo, Bahia!

Lendo notícias da sua presença no MAM, lembrei-o mais demoradamente. Outra vez em Salvador, Rua Chile. O pintor de azul e branco, a lapela enfeitada com as mais belas flores baianas. Passeava ele, com uma bela mulher que lhe enfeitava a viagem. Vi-o de longe. Me atrevi, falamos. E daí umas das mais honrosas amizades que já tive em minha vida. Revendo-o agora, venço as limitações da sua morte. Seus autorretratos me devolvem, intacto, o grande marinheiro. Seus olhos calmosos me olham outra vez. Conversamos. Pergunto-lhe coisas que ele me responde em sons azuis. Indago de suas andanças por esse grande mar do outro lado. Sinto, é verdade, que as suas palavras são mais lentas. Há mais recolhimento em sua pessoa. Mas é o mesmo. O velho e querido Pancetti. Como se outra vez na Bahia, Rua Chile, parasse e me apertasse a mão demoradamente. José Pancetti na glória. José Pancetti, somente ele, marinheiro das grandes e infinitas viagens...

Goeldi

Entre tantas notícias alarmantes e as cinzas que ficaram desses dias passados, chega-nos a triste informação de que Goeldi é morto. Para os que se interessam pela nossa evolução artística a notícia causará fundo pesar. Uma perda das maiores, se não a maior no terreno da gravura brasileira. Que dizer então dos que o conheceram mais de perto?

Pela mão fraterna de Homero Homem cheguei, certa manhã, ao atelier pequeno e simples onde o artista trabalhava. Era ainda na famosa Escolinha de Arte, que Augusto Rodrigues dera de presente aos brasileiros, nos altos de um edifício de esquina da Araújo Portalegre, defronte a A.B.I.

No canto de sala, debruçado sobre a mesa de trabalho, o artista examinava provas de algumas recentes gravuras. Contra a luz da manhã que incidia bem forte, o seu perfil se destacava nítido, como nascido de um seu próprio desenho. Uma prova daquelas que se refletisse em seu rosto magro e de linhas alongadas. Reparei bem o nariz adunco, em curva forte, os olhos desaparecidos numa sombra que traía profundamente na face árida. Os lábios se estirando em repressões de expectativa.

Homero fez as apresentações (se não me engano, o poeta Walflan também me acompanhava), e ele atenciosamente correspondeu. Depois, deixando de

lado o trabalho, abstraindo-se do seu mundo de sombra e luz talhado na madeira nua, conversou conosco. Fez indagações e respondeu perguntas. Cheguei mesmo a merecer dele promessa de frequentar seu atelier para um demorado curso, onde a mão magra do mestre guiaria o traçado do rapaz que chegava da província com as grandes e belas ambições da juventude...

Sobreveio a crise que fechou criminosamente a Escolinha de Augusto e me perdi de Goeldi. Outras muitas vezes encontrei-o em praças e ruas do Rio. Mas tão absorto ia em suas andanças que achei melhor não incomodá-lo. Viajava ele, de certo, a sua grande aventura de artista genial. Por que atravessar-me em seu caminho, na hora certamente em que via o mundo dentro de um prisma, onde o seu espírito ia recolher os traços, as formas, os movimentos, para depois represá-los nas pranchas?

Agora vem o telegrama informando a sua morte. Vai-se com Goeldi a maior figura da gravura brasileira. Não apenas neste país de filisteus enfronhados e endinheirados falou a sua arte uma linguagem mais alta e mais atuante. Foi muito mais além. Saudou-o desde cedo o último dos maiores expressionistas alemães – Kubin, visitando certa galeria onde Goeldi expunha. O aplauso veio franco e leal. Sucederam-se mostras de arte nos melhores e mais famosos centros europeus. Expôs com Utrillo e Matisse e voltando ao Brasil fez mais conhecido o nosso interesse artístico pelas elites de fora.

A princípio foi incompreendido e atacado. Mas atento sempre ao seu mundo e ao seu poder criador continuou trabalhando. Nele e em todo o seu trabalho bem presente ficou "tudo o que é rejeitado, elementos marginais".

Dele, assim falou o poeta de Armilavda. E na realidade há, em toda a grande mensagem do artista, essa crença louca no homem. "Confiou no homem" – escreveu Claudio de Mello e Souza, e por isso é um desesperado". O fecundo desespero que cria. A louvação permanente na realidade do homem, na sua mensagem gritada a um mundo ferido e desolado, mas nem por isso capaz de anular a alma humana.

Seus pescadores, seus homens noturnos, suas ruas mal aclaradas, becos, vielas, praças adormecidas, figuras do mar, sujeitos anônimos, encapotados, toda uma geografia humana de valores soturnos e escondidos. Prendeu Goeldi na madeira que trabalhou com tanta alma. Um dostoiewskiano como já acentuou alguém. Trazendo para a luz dos dias o negativo dos porões soturnos onde a alma humana se estorce ferida da doença mental que é o desespero. Humilhados e ofendidos, todos estão presos em seus trabalhos. Não fez de nenhum dos seus personagens um grotesco desenho de adorno, ou amostra do mundo escondido que descobriu para matar curiosidade de filisteu. Não; apenas deu depoimento de existências anônimas. Desceu aos infernos, ao terceiro dia de sua

vida torturada e de lá carregou visões de um país sem esperanças...

Lida a notícia fui à janela olhar a noite chuvosa. Pensava demoradamente no artista que conheci e que desde muito admirava tanto. Soaram em meus ouvidos sentenças esparsas das muitas que falou naquele encontro, há tantos anos. Goeldi morto era uma coisa sem sentido. Distante, destroçada pela chuva forte. Voltei-me então para o seu retrato, riscado em grossos e fundos traços de carvão. Uma máscara pesada de sombras. Cabelos finos, escorridos. Olheiras fundas. Mas que coração! O rosto antigo, agora enterrado, que o retrato relembrava, continuava presente e eterno. Um autorretrato que fosse, talhado pela mão firme, em traços bem cavados no cerne dos tempos, como claros canais de água matinal, que levassem em monções calmosas até o seu "feroz e terno" coração de verdadeiro artista.

Carybé

Carybé é um guia incomparável da Bahia. E quem diz isso é Odorico Tavares, com a sobrada autoridade e o sentimento melhor de baiano. E a Bahia estava então, toda ela, na grande sala iluminada da Galeria Bonino, nos riscos e no colorido de Carybé. As festas, o ritual dos terreiros, as redes armadas, nos espaços baianos, embalando mulheres. Ruas, sobradões, torres de igrejas. Cristos, jogadores de futebol, canoeiros. Mais Cristos ainda na tortura da coluna e bandos de cangaceiros. Pescarias de xaréu e mar. Mar! Da Bahia, mar do marinheiro Pancetti! Mas de azul e verde. Mar de Iemanjá senhora protetora do baiano Carybé!

Pela mão de Jorge Amado, conheci melhor o artista. E quem melhor me apresentar a um baiano autêntico, tão quanto outro qualquer baiano que houvesse mesmo nascido na Bahia, do que o mestre Jorge, para me levar, na minha simplicidade de moço provinciano e ser apresentado a Carybé? Mas, isso com palavras de ternura que parecia encontro de velhas amizades.

Falar sobre os desenhos de Carybé numa crônica é pretensão demais. O que é preciso mais que tudo é ficar olhando, como se faz quando se chega a um dos altos luminosos da Bahia. Olhar calado, enchendo a alma e os olhos de cores e de movimentos. Olhar com

unção religiosa. Olhar guardando. Comendo, com a velha fome de beleza que nos devora, aqueles traços fantásticos. Pulos de capoeiristas, danças de terreiros, agilidade feroz de um drible de futebol. Poucos artistas neste país que possam guardar tão bem um movimento e não prendê-lo no desenho, no papel, no traço. Mas, deixá-lo solto, executando livremente o seu movimento. Um capoeirista Carybé, no seu desenho, está tão solto como um largo de Feira de Água dos Meninos. Carybé não subjuga seus personagens, livra-os nos seus espaços luminosos, aguados, vivos.

Sua exposição no Bonino, naquela noite de junho, era uma beleza tão presente que não parecia somente uma mostra de pintura, com mulheres fabulosas, presenças ilustres, nomes afamados. Era mais que uma coisa formal coberta de luz de refletores de cinegrafistas curiosos e jornalistas inquietos. Era a beleza oleosa da Bahia a correr de suas ladeiras na noite carioca, trazendo-nos o seu mistério e o seu esplendor, pela mão do seu guia – Carybé, com uma comitiva de capoeiristas, baianas, águas, santas de terreiros, orixás poderosos. À grande Bahia de Jorge Amado, ele que agora vai falar dos "pastores da grande noite baiana", pastoreio de estrelas...

Lula

Meu grande e querido amigo, pintor Lula Cardoso Ayres, expõe no Rio. As ardentes cores pernambucanas se mostram aos olhos cariocas. Os verdes, os mansos verdes dos canaviais pernambucanos; os azuis, serenos e puros, a cor da terra machucada, nos banguês, pelos pés dos trabalhadores do eito. Gente e fauna, e também flora. Lula no esplendor da paisagem nativa. Lula, menino de casa-grande, levando para as telas e murais, as reminiscências da beleza senhorial pernambucana. As assombrações, os casarões de azulejos, os frevos nas ruas de "casas magras", o rio, o grande imenso rio. E as festas de fim de ano. E o São João. Potes de mel, carros de boi, fandangos! Dona Santa, rainha legítima do seu mundo de seda e aljoufares, os maracatus, os terreiros com lembranças da África. As aparições nas salas senhoriais da casa-grande. O carneirinho branco da infância. As toadas de violeiros, feito cor na cor dos trabalhos de Lula.

Quisera estar na Galeria Bonino, no reino pernambucano que Lula levou na sua bagagem de quadros. Olhar outra vez aqueles azuis. O esplendor dos mares recifenses, os coqueiros que Cardoso transplantou para seus versos, a alma boa da cidade, que, certa vez, Carlos Pena Filho me apresentou transmudada numa rua antiga.

Lula com as suas morenas, seus caboclos, seus senhores de engenho. Lula com o seu povo bom e amigo, generoso e sincero, sofredor e comportado. Minha saudação mais efetiva, agora, que mais uma vez ele levou nas mãos admiráveis de pintor, um bom e generoso pedaço de terra pernambucana.

Meu grande "viva" ao querido amigo, diante do colorido enorme que deve fazer mais alegre e mais festiva a leal cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro.

Joaquim Cardozo no Recife

Longo tempo distante, o poeta Joaquim Cardozo retorna ao Recife. E logo quando o verão inaugura suas cores e o tempo se perfuma com cheiros novos de cajus maduros, de copados cajueiros à margem dos caminhos, os mesmos que o poeta, de certo, deve tantas vezes haver encontrado, com "as folhas cor de vinho"...

Bom tempo para se retornar a uma cidade como o Recife. Encher os olhos de claridades tropicais, deixar a alma aberta aos panoramas que se lavam em luzes, ao sal das águas desse mar verânico em meio aos alísios que trazem nuvens mansas, e passageiras canções de embarcadiços saudosos. Ninguém melhor para se integrar nessa paisagem do que o poeta Cardozo. Ninguém para sentir melhor esse mar nordestino e se deixar entregue a misteriosa e quase sensual visão desses altos silenciosos do Recife e Olinda, que tão bem soube ele levar, intactos, puros, mais silentes ainda, para os seus versos.

Gostaria de estar também no Recife e de longe mesmo olhar esse reencontro de Cardozo com a beleza da fisionomia recifense. Não sou familiar do poeta, mas acredito que poucos na minha geração recitaram e sentiram com tanta alma a sua poesia. Ouvi-o pela primeira vez numa tarde de engenho pernambucano. A pessoa que recitava seus versos era de minha amizade. Procurei decorá-los. E senti que eles se fa-

ziam íntimos da minha emoção. Carreguei-os então para onde eu ia. E parecia que até que eram versos aprendidos nas velhas escolas da infância, tanta a devoção com que os recitava. E ao repeti-los, ainda me recordo, quantas vezes não fiz amizades. Pediam que os repetisse, que copiasse, que arranjasse de qualquer jeito o endereço do autor. Lembro lugares, noites em que seus versos foram o instante maior. Parei serenatas para que os cantores e violões ouvissem. Declamei-os em lugares distantes, terras estrangeiras. Certa noite, foram recitados na quilha de uma barcaça que viera trabalhar no porto da minha cidade e depois demandava portos do Sul. O barcaceiro mestre tanto se deslumbrou com os versos de Tramataia, que, mesmo em meio à noite de alta luminosidade e calores de bebida, queria por finda força, raspar o nome da sua barca, para substituí-lo pelo nome evocado na poesia que eu recitara. Não tenho conta das vezes que relembrei o grande poeta. E as velhas ruas do Recife guardam ecos dos nossos belos tempos. Carlos Pena, Tales, José Gonçalves, Tomás, Rubem, Rômulo, tantos outros... Hoje, o poeta retorna à paisagem que parece se renovar com a sua chegada. Imagino as estrelas mais claras e altas sobre o Observatório, as pontes, as alvarengas cismadoras, a grande cruz das avenidas, as chuvas de caju, os azuis e verdes, os encarnados, os azulejos, as belas cores de Cícero Dias expostas pelas ruas, e entre tudo isso, o

poeta Joaquim Cardozo, como se voltasse à própria casa antiga, abrindo portas e janelas, percorrendo salas, aspirando o cheiro doce e molhando dos quintais. "Paisagem profundamente"...

Onde Lula Higino é lembrado...

Lula Higino, a quem o poeta Ascenso Ferreira conheceu e guardou para sempre num poema, era fogueteiro, vejam bem, fabricava artifícios. Brincava com fogo e isso o encantava. Disciplinava estrelas luminosas, espirros de ouro, chuveiros, ardiosos busca-pés, esguichos de luzeiros. Pois, com todo esse poder encantatório, Lula Higino se afligia em suas solidões e para tanto tomava de sua flauta e se punha a fabricar encantamentos. Tirava acordes tão suaves, escreve o poeta testemunhando, que até parecia que eram as estrelas, lá no céu, que estavam tocando...

Isso com Lula Higino, que fabricava estrelas na sua oficina de trabalho, e não satisfeito com isso, ainda ia encantá-las, lá no seu céu, com seus acordes suaves. Penso essas coisas e fico instantes inteiros parado. Verdade que é manhã lavada pela chuva. E os assuntos são outros. E a vida começa a sua rotina, mas, infelizmente, nada me comove. Não posso fabricar estrelas. Minha pólvora anda umedecida com essas chuvas. Meus artifícios falharam. E ao sol, sinto-me um sujeito que nada tem nas mãos para oferecer. É fácil de perceber que nesta crônica mesma, nada vai de novo. Palavras, palavras, soltas palavras...

Volto a Lula Higino, do poeta Ascenso. Os versos sobem na minha lembrança como os fogos mágicos do fogueteiro, na sua rua pobre e triste. Sobem e

se espalham em constelações luminosas. Sobe também o meu olhar espantado. E assim estou, e assim fico alheado, sem ter o que fazer, dentro das limitações das coisas passadas. E a flauta de Lula se desfaz em modulações fantásticas, e a minha saudade desperta e se põe a velejar a alta hora matinal, singrando esse longo rio de lembranças, sob alísios de sonho...

A rua do rio

(PALMARES)

No começo da rua
Morava Agostinho – o aleijado –
A quem o povo acusava de alimentar-se de coisas imundas:
– Bichos mortos apanhados nos fundos dos quintais!

Fronteiro a ele morava o pedreiro Manuel Belo,
Que por ter sido mordido de cachorro da moléstia
Quando falava com a gente avançava como um cão!

No meio da rua morava uma celebérrima preta Inês.
Catimbozeira "afamada",

Sempre às voltas com sapos e urubus!
Na outra ponta morava a mulata Filomena,
A quem um jacaré acuou dentro de um banheiro no rio.
E que saiu nuinha pela estrada fora,
Gritando: “Me acudam! Me acudam!”

Mas nem tudo, na Rua do Rio,
Era infâmia, nojo, abominação!
.....

Na outra ponta da rua,
Bem nos fundos do quintal da casa de minha mãe,
Morava o fogueteiro Lulu Higino
Que no silêncio das noites consteladas,
Arrancava da flauta uns acordes tão suaves,
Que até parecia serem as estrelas lá no céu
Que estavam tocando...

Ascenso Ferreira

IV OS BELOS DIAS

"Penso, perdidamente, nos belos dias do passado..."

... E eu viajava na manhã

A primeira coisa que encontrei foi a manhã. Espécie de diligência luminosa onde embarquei. Guizos festivos tilintavam nas crinas afogueadas de sol dos grandes e suados cavalos matinais. Cavalos de dorso suado de mar, narinas ardentes, olhos de cristal de água, árdegos, galopantes, selvagens. A manhã me conduzia aos destinos de um sul misterioso. E vi grandes flores dos pântanos. E vi os vestígios da noite nos olhos sonolentos de bêbados que estendiam toda a chaga do corpo pelas calçadas e praças. Mas, de sua alma, como santelmos bem vivos, subia uma luz meridiana, e do seu coração um cântico quase celestial dizia que cada um deles era um anjo derrotado pelo mundo, mas ressuscitados na Graça...

Saí pela manhã, na diligência matinal das primeiras horas. Tilintavam as campainhas e mais os cavalos do mar se empinavam. Temi que em breve eu me tornasse vaidoso. Por isso, freei os animais violentos. Paguei com uma moeda luminosa de sol a minha passagem e, à porta da minha amiga, menestrel de que eu era, me pus a cantar, e a vida do alto de todas as janelas acompanhava o meu canto. PTCM ■

Condução para a aurora

A rua era como um túnel, atravessava a noite que ainda parecia densa, na Ribeira, e levava até a aurora que já se desmanchava no mar. Era uma rua pobre, triste, com mulheres sonolentas, que ainda, algumas delas, esperavam o impossível amado. Os frontões das casas pareciam que ainda dormiam também e apenas num boteco, a chama de uma lamparina fumegava, clareando a luz baça e triste um pedaço da rua. Mas, mesmo com todos esses traços de pobreza e tristeza, a ruazinha ganhava aquele poder de condutora da aurora. Se num extremo a noite era ainda bem presente, com restos de estrelas pelo alto, no outro extremo, já a aurora se apresentava com claridades de beleza inaudita. E a ruazinha humilde, suja, de mulheres sujas e tristes ganhava um valor poderoso e único. Por ali começavam a passar os primeiros trabalhadores da manhã. Os homens do mar, com redes e remos às costas. Iam e vinham outras pessoas. Umas misteriosas, dessas que parecem feitas somente para a noite e que se espantam com denúncia do amanhecer. E a todas elas a rua dava passagem e abria perspectivas novas de esperanças. De um lado, a noite agonizante. Do outro, a manhã nova renovada, alegre, apagando estrelas. Tão humana a rua, tão com a lama! Sua pobreza de nada importaria. Conduzia a tantos para uma alvorada limpa e nova, embora em suas sombras, tantas coisas terríveis se passassem, e houvesse pranto abafado em lençóis de abandono, desespero, coisas que a noite alimenta...

Bolhas de sabão

Do alto da varanda, a menina soltada ao vento, bolhas de sabão. Um pequeno público, também de crianças, olhava atento o seu exercício matinal. A menina agitava a água ensaboada do pequeno caneco de louça, e depois soprava o canudo. Num passe de mágica, o sopro se desfazia em pequenas bolhas que subiam no vento.

– Me dá uma! Gritava a meninada. Me dá outra! Mais outra! Umazinha para mim! E a garotinha estendia as mãos para o espaço. Mas a bolha subia celeremente. Os risos espoucavam. A menina mágica, superior, do alto do seu mirante, encantava os amigos.

Um acontecimento simples, comum, e, no entanto, misteriosamente tentado. A pureza do fato em si. O exercício lúdico com a riqueza perene que a infância represa em seus limites. E o simbolismo das bolhas. Fluidas, passageiras, levadas pelo vento na hora da manhã. O entusiasmo do pequeno público que a tudo assistia deslumbrado. A vida passando nas bolhas que a menina espalhava no tempo. A vida tocaiando aquelas crianças. O lobo mau na selva dos dias. E a menina, diante dos seus companheiros, sem que nada soubesse, alheia ao mundo voraz, enchendo a manhã com a sua mensagem, como a escrever no azul matinal uma advertência de que a vida passa, a breve vida, a passageira vida, rotina inconsequente...

Os belos dias

Penso, perdidamente, nos belos dias passados, ali, junto da amiga pousada na morte. Os amigos todos (poucos, felizmente) trazem o espanto no olhar, tristeza no coração e nas mãos uma rosa de saudade. Me abstraio de tudo e diante da morte, ali parada, estática, infinita, recordo os dias que, parece, vão também ser enterrados ao lado da amiga. As horas vividas, as horas – como frutos. Os dias felizes assim tão iguais àqueles que Gauguin guardou num quadro de belas cores, mulheres no azul do tempo e os doces frutos da vida expostos a um sol que vai buscar no tempo e no fundo da terra as fisionomias enterradas. Junto da amiga morta, procuro os belos instantes que na sua casa pareciam eternos, àquele tempo. Em cada canto da casa, aparecia um espanto, o pranto baixo, as rezas, a mágoa funda, ah, mais coisas nenhuma tão igual a verdade daquela sorte implacável de morrer, sair, e com a saída levar no longo arroio a presença das coisas vividas.

Os doces frutos da vida – os belos dias! Penso neles com um sentido estranho de vida que arrancaram violentamente com raízes e tudo. Agora, vai um silêncio enorme pelo dia amarelo de sol. Temos, no entanto, ainda, o mesmo espanto no olhar, uma saudade desperta no coração e nas mãos trêmulas a rosa que nem o sol vivo do verão cresta. Rosa de saudade, cheia de lembranças dos belos dias que passaram...

Os objetos

Quanto das pessoas não guardam esses objetos. Redescubro-os nas primeiras claridades da manhã, dentro do quarto e das salas. Os sapatos jogados a esmo. Desalinhados, os cordões desatados, a bocarra com qualquer coisa de ridículo, resto de esgar de palhaço. Quanto das palhaçadas do dono não guardam esses sapatos! As solas sujas de terra, de tantas terras, de tantas partes. As andanças vadias. As procuras pelo mundo, à procura de ser mais feliz, ou de encontrar uma ilha procurada. Ah, esses sapatos, esses tão humanos sapatos!

Vejo depois os livros desarrumados sobre a mesa. O pó do tempo nos quadros. O suor dos dias vividos sujando as camisas. A gravata ensinando a ser alinhado, mas também apresentando sugestões de nó decisivo, para nunca mais... O paletó, esconderijo e agasalho do coração, que às vezes perde a compostura e bate mais da conta, e se denuncia. Velhas garrafas pelos cantos, sem alma e sem vinho, espectros de dias felizes vividos entre amigos. Flâmulas, retratos, pacotes de cartas. Ah, dessas cartas não falarei. Não devo agitar a água parada das lembranças. Basta a desordem desses dias tumultuados.

Felizmente, porém, sobre todo o quarto desarranjado e grotesco, a janela é um símbolo de fuga. As vidraças deixam-se ferir por uma luz nova que, inva-

dindo a casa, tange fantasmas e parece fazer com que os objetos ganhem uma nova vida. Embora aparente. A alma lá embaixo aos soluços...

Um lenço

Na cadeira do cinema, ao acender das luzes, apareceu um grande lenço amarelo. Que moça descuidada deixou, assim ao abandono, a seda clara do seu adorno? Que imprevidente senhora abandonou no fim do espetáculo o lenço, que tantas vezes lhe conteve a emoção, ou prendeu ao vento da tarde a bela cabeleira? Moça ou mulher, não sei, imprevidentes ou descuidadas pessoas, o certo é que o lenço jazia no assento da poltrona! E no vazio da fila, contra a cor escura da madeira, era uma nota de desamparo aquele lenço perdido.

Vi, muito bem, olhares de soslaio que passavam curiosos, indagações, pontos de exclamação, de surpresa, de cobiça, em olhos buliçosos de moças que saíam. Mas, intacto o lenço continuava. As dobras, umas sobre as outras, mansas, tom sobre tom, ainda com o que guardando o gesto da dona. E que gesto seria, de desprezo ou proposital maneira de sem muito aparentar, se ver livre de vez daqueles centímetros de pano?

Confesso que tive também curiosidade em devassar a razão maior daquele abandono. Ou na ausência da mão, pude imaginar na seda mesma a maciez da pele, a curva da mão delicada e por que, também não, a desatenção da moça ou senhora para as coisas desse mundo. Seu espírito voando tão alto, quem sabe, numa nuvem, ou profundamente jogado na funda treva de uma paixão?...

Paisagem

No alpendre, repousando em rede branca de longas varandas, uma mulher descansa. A paisagem começa nela. Da languidez do seu repouso partem as linhas que avançam para compor o desenho. Depois, então, surgem as plantas, as outras casas, a água, os peixes e no céu enorme e aberto de nuvens os pássaros que singram.

Que repouso da moça que repousa! E nos súbitos horizontes sobem coloridos deslumbrantes. Será que sonha a moça? Pudesse eu, escreveria uma notícia poética. Diria do olhar sereno da moça que aos poucos se foi apagando no sono. Das mãos que se aninhavam quase irreais, tão clara era a carne com desenhos finos e quase bordados de veias azuladas. Diria do pé, (meu Deus!) do pé que escorregou da borda da rede e ficou com a haste de planta que o vento balança de leve. E que dizer então do amor da moça, do seu sentimento, das suas lembranças e possíveis saudades?

A paisagem era somente isso. Outras coisas não conto, mesmo porque, que mais interessaria dizer, se coisas assim entrevistas quase em sonho e deslumbramento, ninguém acredita?

Lição do domingo

A mulher estava bem posta na rede. A rede balançava-se no domingo. O domingo aparecia colorido com as últimas cores de setembro. E setembro, por sua vez, num círculo vicioso, voltava todas as suas calorias para a mulher que ressonava entre ardências e desejos adormecidos. Zumbiam abelhas um zum-zum de acalanto. E os frutos se deixavam fecundar de luz, de vida, e se faziam desejar também, iguais a mulher que dormitava. Sim, porque, certamente, e dita senhora não dormia. Entredormia. Entressonhava.

Meu Deus, por que fizeste na criação as coisas tão deliciosas? Por que armastes redes, inventastes os domingos, e despertastes nas mulheres belezas que só despontam quando elas modorram? E depois de toda essa criação e dessa beleza, nos abandonastes em meio de setembro, sob um sol de ouro, entre abelhas que embalam o sono. Isso, sem falar no mar.

Não, Senhor! Não nos culpeis de todo pela nossa falta. A mulher continua se balançando e entressonha. O mês vai se indo, e por isso expõe toda a beleza que tem guardada. E nós? Nós, Senhor, nos perdemos num desses primeiros redemoinhos do verão ardente. Isso assim dito, para não dizer, na realidade, a situação para que marchamos. Por que o verbo feriria os vossos ouvidos, Senhor, embora fosses, como sabermos, o verbo inicial da criação?

A bonita!

Senhora – confesso a minha esquivança, para não dizer timidez. Mas, tanta era a vossa beleza, senhora, que toda a manhã parecia nascer de vós. O centro da luz, o vértice, de onde jorrava a claridade, a fonte dos mansos ventos, a origem do verde e do azul.

Notei que vos sentíeis sozinha e disso estais certa. Senhora, e tão certa que essa razão, mais natural e mais vossa, resplandecia a beleza matinal das vossas limitações. Não era o olhar vago, de um azul tranquilo do poço de água do mar represada entre pedras. Nem tão pouco o esguio traço de vaso antigo, que desenhava na manhã o perfil de mulher fugida de um friso grego, da pedra onde a pátina do tempo não feriu a forma helênica da imagem. Nem mesmo o resto do corpo, no equilíbrio imortal, sobre as pernas torneadas de leve sombra, onde, muito por longe, corriam os riscos discretos de azul aguado das veias, como linhas levemente num bordado... Ereis, Senhora minha, por inteira, toda vós, padroeira da manhã!

Vos olhei, de longe, com o religioso respeito que o sagrado sempre merece. Viajáveis a hora matinal quente, como quem se fosse para sempre: visão, bem – assombro, viagem, alumbramento... Pássaro, nuvem, voo desenhado de ouro e cobalto de um beija-flor egresso de um jardim de convento.

Ou mesmo o cântico sonoro. Um verso passeando em plena praça, fugidio de uma página de Verlaine. Verso que rimava com água do rio, com o verde silêncio das altas árvores, com o opulento oferecer de acácias que vos cobriram de ouro, e nele desaparecestes, Senhora, e no azul vos desfizestes, embora, embora, para nunca mais...

Do espanto, diante da beleza desaparecida entre as acácias, caímos outra vez no modorrento calor da manhã comercial que abria as suas portas, expunha suas mercadorias, entediava com a sua rotina de preços, compra e venda, e medidas. Usuários atilados, fregueses resmungões, bater de registradoras, vozerio, tédio da vida, noves fora zero.

E de vós, Senhora? Somente um breve colorido de saudade com que mais se douraram as acácias da praça, e em mim, a cinza da melancolia...

Três moças

No terreiro da casa estão elas sentadas. A lua veio e pousou bem no alto do meio da rua. Uma moça costura rede de pescaria. Outra faz renda. A terceira, com os dons que Deus lhe deu, pensa amores e desata a voz no meio da noite morna.

Rua mais ainda em silêncio para ouvir a terceira que canta. É uma lenda que escorre em palavras dos seus lábios quentes e vontadosos. Canção de mulher praieira que espera o homem amado perdido no reino azul distante. A primeira moça que costura a malha da rede suspira, e o seu suspirar parece sair do coração expressivo da própria noite.

Que pensará o coração dessa mulher moça? Os seus pensares se enleiam de certo nas malhas da grande rede sombria que ela jamais saberá remendar. Que anseio comanda o seu destino humilde? E os seus dedos se afundam nas sombras da noite que se engalham na rede escura que ela costura e de novo a moça suspira...

A outra, entre o cantar de amor da irmã mais velha e o suspirar saudoso da costureira, faz a sua renda na seda da linha fina. Com pouco, o seu cabelo fino se mistura com os bilros e logo mais um fio castanho se intromete no bordado da renda. Um desenho estranho, uma sombra, um velho sombrio que corre em paralelo ao torsal sedoso do novelo que ela desfia em desenhos caprichados no papelão do modelo.

Mas, tão distante vai o sonhar da rendeira, que ela nada percebe. E o fio escuro do cabelo se alonga mais e mais na almofada de trabalho. Que estranho friso borda ela agora? Uma serpente nervosa que se estira entre as folhas miúdas de uma planta que os bilros trabalham na renda limpa? Ah, senhora moça, cuidai mais dos vossos haveres. Não descuideis o olhar para as aventuras da noite grande. Olhai vossa renda, vossa vida, vosso instante. Mas a moça rendeira a nada percebe enquanto a sinuosa linha do seu fino cabelo mais na renda se emaranha.

Quem comprará amanhã o metro da vossa renda bordada em parte como o sombreado castanho dos vossos cabelos?

Três moças no copiar da casa vermelha do alto da Limpa. Uma remenda malhas e se perde em sonhares distantes noutro emaranhado da rede enorme. A segunda faz renda com o próprio cabelo e se ausenta. A terceira canta e o seu canto fere bem longe o maltratado coração de um homem que tem do seu tão somente o direito de ouvir a canção misteriosa e mais nada, e infeliz se põe a olhar o mar, fugindo-lhe a alma pelos olhos...

Rio – meu irmão

Mesmo do alto, na luz da tarde clara, luz que parecia de dezembro, a primeira coisa que procurei foi o rio. Não me bastava a cor da terra, lá em baixo, com os seus verdes de junho. Nem o escalvado dos morros. Nem a listra vermelha das estradas – longos caminhos do sertão grande. Nem mesmo a mancha enorme, azul, azul do meu velho mar, capitão do tempo. O que queria mesmo era o meu rio. Meu rio irmão. Meu companheiro de belas andanças. Rio que abraça a minha cidade num abraço infinito e terno. Que lhe enfeita de verde as margens sinuosas, rio que, à maneira de um antigo aluno do Ateneu de Celestino, foge para os mangues, interna-se no verde das gamboas e carrega barcos no seu dorso, e canta para acalentar mulheres tristes da Quarentena, e para consolar saudades de barcaceiros que voltam saudosos do grande mar.

Eu vi, sim. Vi o meu rio envolto da luz da tarde. Não exagero dizendo que lhe ouvia o murmúrio, porque assim também é demais. O ruído do avião abafava, poderosamente, a voz das coisas. Mas a visão do curso de água esplendente me bastou. Senti que meus olhos estavam molhados. Velha emoção – senhora que nos descontrola a alma e o corpo, também me deixou abafado. O meu olhar se deixou seguir num estirão imenso pelas alturas. Ah, velho rio!

Velha alma da minha cidade! Suspirei com calma. Agradecido a Deus por haver, outra vez, reencontrado meu rio. Sua água, seu canto, sua cor, seu largo estuário aberto e manso. E nos meus olhos, a breve emoção, parecia até ser um pouco daquela água, lá de baixo, água que me dessedentava, e salgava de leve os meus lábios ressequidos de viajor, em mais uma longa viagem de volta para os seus pagos...

O passageiro do rio

O rio oferecia seu curso manso e sereno. Refletia a noite toda o céu de outubro, os últimos céus de outubro, com as suas ardentes claridades. No seu dorso, restavam estrias deixadas pelas marolas dos barcos que tomaram a madrugada à procura de rotas dos pesqueiros do alto. O rio oferecia o leito amigo, generoso, em remanso... As experiências de todas as coisas que por ele passaram na noite valiam como segurança. E, no entanto, o homem pousava nele apenas os olhos cansados. Porque nos seus olhos havia ainda o longo cansaço da noite. O sol-noturno-lunar ainda esplendia com brilho funéreo nas pupilas. E havia cabeças de mulheres, lábios grossos de abuso de bebida e risos. O homem olhava simplesmente o rio. E mal olhava porque ainda tinha sono. Sono revolto. Mal amanhecido. Sonho a se completar ainda. Uma vagareza de sono e sonhos emaranhados.

Por fim, debruçou-se na balaustrada e disse algumas palavras ao rio. Falou num desabafo. Contou das estrelas que vira no azulescer da manhã. E como recebera no rosto as primeiras brisas da manhã. Disse das suas ânsias. Disse das suas partidas sempre frustradas, sempre adiadas. Disse de tudo e quis pedir por fim pousada ao velho rio companheiro... Mas o rio, sábio e generoso amigo, lhe ofereceu uma barca, uma viagem, uma fuga. E então o jovem

marinheiro vestiu outra vez sua blusa azul de mar, despediu-se de uma triste mulher de rua triste, tomou um grogue e saiu rio a fora, cantando alegre canção que só os marinheiros sabem descobrir na tristeza das partidas...

Encanto de setembro

Era um acontecimento simples e, como tal, uma beleza. Estávamos todos sob a grande lua de setembro e recitávamos versos esparsos de Luís (Carlos Guimarães), que um dos amigos presentes ainda não conhecia. E subia no céu, já tão abertamente verânico, a grande lua. E círculos de luz se espalhavam pela noite, assim como quando atiramos no azul parado da água um seixo qualquer, e começam a se formar anéis que se ampliam, renascendo um dos outros. Assim acontecia com o grande céu de setembro, sob o manso rio. E calávamos, às vezes, para ouvir o rio conversando. Era como uma voz de água chorosa, lembrava um verso de Praieira. Mas logo uma marola mais alta dizia e repetia por muito tempo uma mensagem de mar salgado, que entrara rio adentro, vindo do alto, e trazia a lembrança de um marinheiro que se deixava embarcar para os reinos misteriosos de Iemanjá – dona das águas... E estávamos assim quando seu deu o acontecimento simples. Um barco surgiu vindo do cais. Vela cheia de vento sul. Um signo de Salomão no pano pando que a lua clareava. E por que não dizer logo, senhores meus que me escutais, ia no bojo do barco toda uma serenata, tocando sua alma toda em meio do rio. Distingui bem o banjo e pinicados de viola, mas outro amigo meu descobriu, quando o barco passou mais perto, o choro de um saxofone. E continuaram pelo rio afora.

Foram indo mais longe. Perderam-se. Ainda ficaram tons, acordes, lembranças das notas presas entre os cordões luminosos do luar que lá havia ganho todo o céu. “Setembro jogava flores pela janela...” e o rio recolhia e levava de presente ao mar...

O menino que pesca

Um instante de calma. O rio quase para de descer na maré baixa. E o mangue esverdeado ao sol, abrindo-se em convite nas gamboas misteriosas. Quase não se movimentam as canoas paradas. Nem sequer arfam as quilhas com os nomes vistosos. Nomes de mulheres distantes que ficaram em Macau, Areia Branca, Recife, Alagoas... Quanto muito, no vidro claro da água, um peixe-agulha corta com seu fio dorso de diamante a lamina que o sol faz fulgurante. E o sol, no alto, enche o sábado de claridade. Naturalmente tudo isso, porque hoje é sábado.

Então o menino, que veio das Rocas, com a sua latinha de iscas, seu pequeno anzol de vara, senta-se na ponta do trapiche e joga a linha na corrente quase imóvel. O menino completa a calma da paisagem. É um garoto de chapéu de palha suja. Olhos vivos, buliçosos. Mãos já calejadas, porque já se meteu no mar alto, treinando com seu irmão mais velho, para pescarias maiores. Isso me contou ele, enquanto mudava a isca que um peixe arisco mordeu e levou. O menino não entende por que estou ali ao seu lado indagando coisas. Tanto que silenciou de vez. Voltou-se para os longes do rio e o azulão do mar enorme. Para que haveria ele de ligar conversa fiada de um Xaria que não pode participar do seu mundo?

E eu, pobre cidadão de cidade, faço meia-volta no rumo incerto. Quanto não me custa saber que ja-

mais terei a riqueza daquele menino, que logo mais arribará num barco, levando na quilha o nome da mulher que ama, e sairá pelo mar alto, pescando, vivendo, amando nos portos distantes, bebendo, vivendo uma vida maior e mais nobre de ser sentida. Eu, menino marinheiro, como no poema de Bandeira, melhor fora que voltasse bêbado, bêbado.

Rua da Floresta

A rua, ao que informaram, chama-se Rua da Floresta. Fica junto ao rio. Não vai muito além de umas vinte casas. De um lado, nas latadas das "comadres", há peixe frito com tapioca, todas as tardes, assim cheguem os barcos do alto. E lá no fim da "rua", os "armadores" modestos fabricam barcos, que levam na quilha nome de cidades ou, quando mais bem intencionados, nomes de mulher, que dão mais sorte. Do outro lado, alinham-se "clubs", galpões para a venda do pescado, bares modestos. Assim é a Rua da Floresta. Não perguntem pelas árvores, que estas não existem. E por que então esse nome? Não sei. Um poeta talvez quem batizou a rua. Ou a tradição guardou a lembrança de árvores passadas.

Tardinha, a rua adquire uma beleza fabulosa. Lá, certa vez, encontrei Joana-Sem. Conheci também o Mestre Valentim, Maria D'Água, Pedro Pesqueiro, Ciço, Querosene, que em tardes de grande carraspana canta sozinho um coco de roda para ninguém botar defeito. E se faz lua, ah. Se há luar, a rua adquire poderosa feição de encantada. Lá, tempos passados, em companhia do poeta Luís Carlos (Guimarães) ouvi até muito tarde um desafio de viola. Eram cantadores que "vinham de cima", para a feira das Rocas e aproveitavam a noite de lua para "descantes"...

Pensaram em chamá-la Rua do Rio. Mas felizmente não mudaram. Árvores imaginárias continuam a marginar as limitações, onde as casinholas humildes estiram duas latadas aclaradas pelos "faróis", cheirosas de peixe frio, e cheias do murmúrio do rio, contando coisas... Rua da Floresta tem seu território particular. Campo de poesia. Pátria aberta dos pescadores. Um "boulevard" misterioso onde se escutam "estórias" fantásticas, de peixes, de afogados. Fala-se, ali, do mar como coisa "de casa". Imagino a rua, nessas últimas noites de lua cheia. Não mais fui por lá. Ando muito distante da beleza. Não que, à maneira do poeta, a tivesse sentido amarga e a injuriado. Não; quem sou eu para essas posses? Sou tão pobre de Deus que até a riqueza humilde da minha cidade ando perdendo...

Beco da Lama

Cantar-te mesmo em prosa, Beco da Lama. Na Rua Vaz Gondim, desfigurada e falsa. Mas, beco, tão somente, e para que mais? Beco é tão mais humano, tão mais vida, tão mais sentimento. Corrias paralelo ao centro maior da cidade, que era a avenida Rio Branco. Tão próximos e tão diversos! Dos frontões soberbos da avenida restou-te sempre a sombra, o lado escuro, a alma nublada. Quanta água esverdeada e escura não correu sobre tuas pedras tortuosas! Guardava as mágoas e os desabafos da rua maior. Chamava-te por isso "da lama", como se não fosse tão somente a porta estreita por onde o mundo maior da rua deixava sair, nas madrugadas, os desesperos, a angústia, o suor e as lágrimas, enfim o lixo dos dias fartamente vividos.

Canto-te com amor de amante e amigo. Foste do meu tempo de menino. Tempo ido, quando abrigavas tanta gente que já passou. Lembro o salãozinho do "jogo do bicho" do seu Campos. As duas portas altas do Cel. Felinto Manso, ele sentado todo de branco, no seu bureau amarelado. Depois a Oficina de mestre Monteiro, onde tantas vezes meu pai trabalhou em horas de férias. Mais para lá, portas humildes de funileiros, sapateiros, pequenos alfaiates. Era humilde e simples. Sabia guardar os segredos e os erros da rua maior. Quantas noites de abrigo não deste aos bêba-

dos mais abandonados e escondeste amantes subversivos? Lembro certa lua que vi debruçada sobre os quintais que te margeavam. Talvez a mais pura claridade que já me cobriu neste mundo de Deus.

Cantar-te agora me desabafa. Sou agradecido, permanente, às muitas vezes que parecias mais largo para as minhas passadas e me guiavas com a mão de treva ao ponto de chegada. Hoje, querem mudar teu perfil. Já o conseguiram em parte. Tua alma, não! Tua alma é eterna chama azul a subir do chão tortuoso de tuas pedras, chama que um vento diuturno parece reacender constantemente, e que não é outra coisa que senão a alma dos que te amaram antigamente e sempre, e volta para deixar bem viva tua presença na vida da cidade.

Na noite, a descoberta...

Vinte anos ou muito mais a gente mora numa rua, habita uma casa, vive mesmo num quarto e a fazer valer esse tempo, tem-se a impressão, ou a certeza de que tudo o que nos cerca se torna conhecido. Nada mais há para descobrir. Os cantos, os objetos, as cores, os odores, todas essas coisas se tornam familiares e tanto assim que deixamos de lhes prestar a atenção.

Mas, na realidade, nos enganamos. E fácil é verificar uma rua, por exemplo, velha conhecida minha, por onde tantas e tantas vezes subi e desci, com seus frontões antigos, carregados de tempo, suas árvores de um verde cansado, suas pedras gastas, suas sombras; essa rua amiga, no entanto, guardava e guarda ainda agora muitos segredos. Aliás, o poeta Drummond sentencia que uma cidade é feita de segredos.

Uma noite dessas, quando o ruído da cidade cessava mais, e a lua se preparava mais para as claridades, que já agora se mostram tão deslumbrantes, voltei a caminhar pela rua. Baixinho, cumprimentava as sombras amigas, as árvores, debruçadas sobre os muros, a pedra envelhecida das calçadas. Conhecia a todas. Já perto da esquina, no entanto, no frontão da casa velha, no desenho da fachada, ao alto, a claridade da lua me descobriu uma pequena estátua, adorno tão usado na arquitetura mais antiga da cidade.

Quantas vezes não olhara eu aquela casa e somente agora descobria um detalhe tão seu, tão de sua fisionomia, da sua feição de casa.

Fiquei olhando. A lua noturna descobria melhor os contornos. A mulher tinha uma pose de graça. Sustentava entre os braços a túnica leve e metade do busto estava a descoberto, e a lua lhe alvejava as formas. Uma figura grega estática, olhando na solidão da noite a mesma paisagem. Podia bem ver as suas leves mãos firmes sobre as dobras do manto. Seu olhar não, o tempo havia como que vedado com uma névoa, um pano, e o seu rosto todo era claro de lua. Mas seus ombros se arqueavam, suaves e dir-se-ia que em breve estaria ela a andar sobre a linha do edifício até a esquina e saindo quem sabe da vez...

Continuei, porém, a caminhada. De longe ainda me voltei. Lá estava, parada em sua beleza, entregue ao tempo. Pensei: quantas mulheres na vida, quanta beleza no frontão de uma parada, não temos a oportunidade de encontrar também, e, no entanto, uma coisa e outra, e passamos... Perdemos. Um símbolo aquela pequena estátua de mulher, na casa silenciosa, enquanto a noite se queimava no esplendor do estrelário faiscante.

Onde fica o coração do vendedor de passarinhos?

Seu comércio é tão somente a liberdade dos pequenos pássaros que o rodeiam, presos em pequenas gaiolas. De pé, no meio dos seus prisioneiros, ele, o vendedor, acena, regateia, oferece, agita-se. O sol parece enfezá-lo mais no seu negócio. No tráfico ingrato do seu trabalho. Seus fregueses são geralmente crianças, rapazotes; lá um ou outro senhor de mais idade. Os meninos ficam de cócoras, a maioria assistindo, com curiosidade, apenas o voo assustado, revoltado, dos passarinhos que, muitas vezes, se ferem de encontro aos palitos de coqueiro que lhes barram o voo da liberdade. São concrizes, craúnas, canários, pequenos golinhas, tristes asas-brancas, galos-de-campina, que o fogo solar do meio-dia acende mais a crista fulva. E como estão revoltados todos eles; e como vai azul e amplo o céu da praça; e como é cruel o homem que mercadeja!

Onde fica, meu Deus, o coração dos mercadores de pássaros? Onde lhes bate o coração? Como olham eles aqueles pequenos seres que se rebelam, incomodados, e, quando muito, num cântico solitário, soltam o grito de revolta e mágoa? Onde pulsa o coração desses homens que prendem passarinhos, aos punhados, em gôndolas de servidão e desdita? Não sei. Sei apenas que têm eles grandes olhos inquiridores e ávidas mãos com que contam os dinheiros,

as cédulas, que não pagam jamais a beleza e a alma dos pequenos prisioneiros.

No largo da feira, o homem continua oferecendo as presas do seu mercado cruel. Vejo bem um menino que se desgarrou, ainda há pouco, das mãos da empregada e que, com o dedinho, tenta alisar a cabeça inquieta de um pequeno galo-de-campina. É um gesto terno de consolo dele, o meninozinho, que entende bem a alma irmã do passarinho. Mas o homem não permite essas coisas. Seu gesto é arbitrário e desumano. Com um grito enxota o menino. Também me afasto. Perco de vista o largo da feira. Olho apenas o alto céu azul que a chuva da manhã fez mais sereno e mais escampo. Mas quanta solidão nesse azul enorme, vazio de todos aqueles pássaros encarcerados cruelmente. Ah, pudesse eu soltá-los todos e vê-los felizes, de longe, cobrindo a minha alegria com seus voos graciosos! Mas, que fazer? Reconto minhas economias no bolso desfalcado. Sou um homem pobre, que nem liberdade pode comprar para um pássaro ferido de solidão.

Faz de conta que era um pássaro...

Já no fim da feira estava o homenzinho com seu punhado de pássaros de capim e arame, cercado de crianças, acoitando-os contra o vento da manhã. Presos aos cordéis e desafiando a rajada do vento, os pássaros zuniam, arfavam, se equilibravam, iam e vinham, como se pássaros fossem mesmo de verdade. E o delírio da criançada era bom, comunicativo; e atraia a atenção de todos. Em breve, o homem se viu cercado de uma grande multidão que admirava o voo vertiginoso dos seus passarinhos e se deliciava com a alegria espontânea dos garotos.

Pude me aproximar do homem e, para melhor puxar conversa, comprei-lhe um pássaro, que logo mais estava quieto no meu bolso, pássaro empalhado, sem vida, inerte. E entre as acrobacias e manobras, o homem pode me explicar de como fabricava sua mercadoria alada, de como se exercitava, e do lucro fácil, vendendo, bem a feira começava, para mais de uma centena de seus brinquedos.

Indaguei-lhe se já vendera em sua profissão passarinhos de verdade. Parou um pouco as suas manobras e olhou-me fundo.

– O senhor advinha?

– Não, respondi. Indaguei por indagar somente.

E ele acrescentou. É porque há muito tempo vendi passarinhos de mesmo. Vendia muito pelas fei-

ras, trazendo os bichinhos do interior. Mas, me acredita, meu senhor, disse-me ele, sem que fosse preciso minha pergunta curiosa, acredite, que aquele negócio me trazia a alma desgraçada. Vi, muitas vezes, meus bichinhos sangrarem de encontro aos ponteiros das gaiolas. Aqueles canarinhos brabos, lá da serra...

O homenzinho parecia, no fundo olhar, guardar ainda seus ariscos pássaros revoltados, nas gaiolas traiçoeiras.

– Agora, não. Descobri uma maneira melhor de fazer negócio... Mesmo com passarinhos, e ele riu. Outra vez sua mão golpeava o ar e os seus bichinhos criavam vida.

– Gosto deles, gosto de passarinhos! Mas não prisioneiros, revoltados, infelizes. Gosto deles soltos, num campo de sertão, como se acabassem de ser feitos naquele instante pela mão de Deus, e andassem a experimentar o ar sereno dos campos...

Mais crianças chegavam e o homem calou. Sua mercadoria tinha saída rápida. Os passarinhos iam e vinham na mão, como se fossem mágicos, dominados pelo cordel que parecia invisível. O homem tinha a alma feliz. E agora vi bem que os pássaros refletiam-se em seu olhar, como pássaros de verdade que lhe saiam pelos olhos escapando do coração transbordante...

Posfácio

O cronista da hora sublime

Gustavo Sobral

Sobem bolhas de sabão. O cronista admira a menina que, do alto da varanda, encanta a garotada com seu sopro mágico, e escreve: "Fluidas, passageiras, levadas pelo vento na hora da manhã. O entusiasmo do pequeno público que a tudo assistia deslumbrado. A vida passando nas bolhas que a menina espalhava no tempo". O cronista é Newton Navarro no desenho da vida, nas páginas da *Tribuna do Norte* e do *Diário de Natal*, jornais em exerceu a atividade de forma irregular, ao sabor do tempo. Não há precisão de quando se estampou a primeira ou de quando saiu a derradeira, mas é certo o fato de que Navarro publicou febrilmente nos anos 1960. Das crônicas de jornal, chegou a organizar um volume. Paulo de Tarso Correia de Melo, poeta-amigo, conta que as não selecionadas passaram por seleção rigorosa do cro-

nista, catando aqui e acolá o que mais lhe aprazou do que tanto produziu até aquele tempo.

O livro das crônicas saiu em 1969 e chama-se *Trinta crônicas não selecionadas*. Nele se reúnem o Navarro das viagens e das celebridades, a convivência e as impressões de Paris, Buenos Aires, e do encontro com celebridades como John dos Passos. São retratos do cotidiano do mundo maravilhoso, aquele do sol que não se levanta e que fez de Paris uma festa que Navarro conheceu. É esse o registro em livro do que selecionou. Algo mais em livro sai agora com a seleção e escolha do poeta-amigo Paulo de Tarso, que desperta, do seu baú de guardados, crônicas recortadas no calor da publicação e no deslumbre dos seus 18 anos. Uma seleção de um universo de crônicas dentre tantas outras ainda espalhadas nos arquivos dos jornais, trabalho minucioso de registro e de resgate que merece a coragem futura de um escrutinador afiado. Portanto, ainda tudo é muito provisório quando se fala de Newton Navarro, o cronista.

Das crônicas selecionadas por Paulo de Tarso, há também uma linha de agrupamento que as irmanam em certos temas, o que já sinaliza a matéria que Navarro dedicava para as suas crônicas: o círculo familiar e de amizade, as coisas da cidade e a poética do cotidiano. Navarro escreveu sua autobiografia em seus textos e ao mesmo tempo biografou a cidade que tanto venerou e viveu. Também se anota na produção

em crônica de Navarro, na diversidade de sua literatura, para além do artista plástico, ator, diretor de teatro e comandante da escolinha de arte do governo, a Cândido Portinari, o poeta, o novelista, o autor de peças de teatro e o contista. Faltou o fôlego do romance, que se pode (até quem sabe seja risco dizê-lo), no volume de crônicas que chamou *Beira-Rio* (1970) e *Do outro lado rio, entre os morros* (1975), encontrar a semelhança do que representa *Vidas Secas*, de Graciliano Ramos, um conto-romance ou um romance em contos. E assim está posto que a crônica de Newton chega a sobrepor os gêneros.

Classificados de crônicas pela história da literatura potiguar, esses dois volumes independentes, que não tiveram origem primeira a página de jornal, consistem em narrativa e descrição da vida da gente que convivia com Navarro, os pescadores da Redinha e a sua lida com a vida na praia, a simplicidade, a pobreza, o encanto e a dureza da vida, o desenho de uma epopeia até tragicômica de personagens da cidade. Talvez essa presença da realidade dos dias e da carne e osso dos personagens nominados chegue a ser crônica, em razão também do seu amparo no cotidiano e da sua matéria não advir da pura criação da ficção. No entanto, a sua estrutura engajada, novelística, literária, em que pesa narrador, personagens, enredo, descrições, diálogos e clímax, chama-a para o conto de ficção. Mas não é de gêneros que aqui se

trata, porque tudo em Navarro é uma única coisa que pode ser tudo.

Beira-Rio (1970), convite e louvação a uma história que contada por Navarro é de autoria de uma coletividade. A história é uma criação coletiva, porque parece que para Navarro, como pregou e fez o poeta e letrista Vinicius de Moraes, sem os amigos e parceiros não se escreve a vida, como também sem o *locus* não se desenvolve a peça da vida, por isso, os becos, ruas, botecos são palco da irmandade das ruas, em que se celebra "uma só humanidade", como se extrai da epígrafe de *Beira-Rio*, trecho de Jorge Amado. Pouco importa os nomes reais, a irmandade emana do uso dos apelidos. Então a primeira crônica anuncia Beira-Rio. Mais que um lugar real, Beira-Rio é um canto poético em que o espetáculo da vida se tece em desenhos por imagens sentimentais. Navarro devaneia num exercício do seu ser, Navarro navarreia assim, sobre o que é Beira-Rio sonhada: "*radiosa aurora, flor de rubros tons nascendo sobre a cidade quieta...*"[1]. Os espaços da cidade definidos e demarcados com pinceladas vivas da presença de corpos da cidade na paisagem fulgurante em que se encenam o amanhecer, o entardecer e o passar das horas e dos dias na paisagem. O rio, o Forte dos Reis Magos, a ponta do Refoles, a barra, o porto, os casarões, os botecos, a Ribeira.

---

1 NAVARRO, Newton. *Beira-Rio*. Natal: Sebo Vermelho, 2011, p. 9.

A noite é uma das grandes personagens porque é ao cair que ela torna possível Beira-Rio, a poesia do narrador e a boêmia instalada. As lembranças são também fio condutor e personagens. É através delas que Navarro passeia no tempo das histórias e causos da vida no dia a dia, e assim justifica a missão de cronista, e da coletividade, sendo ele a voz das tantas vozes, o narrador da irmandade: "*Somos apenas um narrador vulgar de Beira-Rio. Nosso cantar é igual ao cantar dos velhos violeiros de interior, falando do trivial das coisas. Esses acontecidos verdadeiros, mas que, nem por isso, o povo deixa cobrir de certa poesia simples. E para que mais do que a simplicidade poética a escorrer das coisas, nelas demorando como alma, integrando-se para sempre numa pedra, paredes, chão, água? Assim, como no Beira-Rio, sua história...*".[2]

Há uma recuperação da história lendária de Beira-Rio e do seu folclore. Vê-se isso em Nestor, uma espécie de Quincas Berro D'Água (personagem da novela homônima de Jorge Amado), e em toda a gente do cais, prostitutas, trabalhadores, vagabundos, artistas, uma espécie da Salvador de baixo, cidade do povo presente nos romances/novelas de Jorge Amado, um cenário navarreano que está também em todas as cores de Jubiabá (1935), do mes-

2 NAVARRO, Newton. *Beira-Rio*. Natal: Sebo Vermelho: 2011, p. 22.

mo Jorge Amado, acentuando o caráter pictórico da gente do povo como uma marca que seria a consagração de toda produção de Amado. Navarro então à Jorge Amado vai compondo uma espécie de geleia geral potiguar, em que o rico está não só na diversidade do popular mas no colorido da composição do quadro. E todos os elementos só funcionam porque juntos. É assim desenha os tipos que fazem Beira-Rio: Baier, Zumbi, Carcará, Cara Lisa e outros. Até o bicho se integra nessa paisagem, se integra ao bicho homem, todos irmanados. O bicho é um irmão, é coragem, é companheirismo, é humano. A cadela Aparecida é bicho e gente. Cena das mais belas da literatura potiguar.

Os capítulos desfilam também como atos, um *mise en scène* que é puro teatro no palco, teatro que Navarro também produziu como autor, diretor, cenógrafo e ator. Boca da noite e madrugada são espaços cenográficos, em Beira-Rio: "*O cais resta só, num silêncio a que somente a maré vazante, vez por outra, quebra como um soluço de água do rio, sumindo para as bandas do mar*"[3]. E tudo se encerra como tudo recomeça. Navarro trata o tempo como fugaz, mas certo de que as coisas se repetem, se recriam e se renovam: *"mas, na ordem do mundo, tudo será, em*

3 NAVARRO, Newton. *Beira-Rio*. Natal: Sebo Vermelho, 2011, p. 45.

breve, renovação, esperança, claridades"[4]. E assim escreve *Beira-Rio*, como que tomado por um surto de lirismo. Imagina-se, pelo conjunto da obra, que tudo tenha sido esculpido em uma pedra de mármore e não confeccionado em parte, nascido de uma única matéria bruta. O texto em sua unidade aparenta ter sido trabalho de um jorro criativo, quem sabe o mesmo que se apossou de Ferreira Gullar e fez com que o *Poema Sujo* nascesse todo de uma vez.

Em *Do outro lado do rio, entre os morros* (1975), a Redinha volta a ser objeto do seu olhar crítico em mais um livro que recebe o selo de livros de crônicas. Cinco anos depois de *Beira-Rio*, Navarro recupera a Redinha. O artista visual é quem abre as páginas dessas nomeadas crônicas, um começo de viagem pelas plagas da Redinha, que lembra um Saramago[5] viajante a beira do Tejo a perguntar aos peixes que se pertencem às águas são tão portugue-

---

4 NAVARRO, Newton. *Beira-Rio*. Natal: Sebo Vermelho, 2011, p. 63.

5 "Então, sobre as águas escuras e profundas, entre as altas escarpas que vão dobrando os ecos, ouve-se a voz do viajante, pregando aos peixes do rio: 'Vinde cá, peixes, vós da margem direita que estais no rio Douro, e vós da margem esquerda que estais no rio Duero, vinde cá todos e dizei-me que língua é a que falais quando aí em baixo cruzais as aquáticas alfândegas, e se também lá tendes passaportes e carimbos para entrar e sair'". SARAMAGO, José. *Viagem a Portugal*. Fotografias de Maurício Abreu. São Paulo: Companhia das Letras, 1990, p. 9.

ses quanto espanhóis. *Do outro lado do rio*: "*Do cais, você olha a boca da barra. Do lado de cá, o pontal escuro como um farol sinaleiro. Braço de pedra, mar adentro, ajudando navios e barcos maiores nas aperturas do canal. Do lado de lá, o dorso branco das praias e morros, manchas vermelho-azuis do casario irregular. Uma torre humilde de igreja. Os cocares impacientes do coqueiral. O território livre da Redinha*".[6]

Uma longa carta de amor à Redinha, um guia de viagem, um passeio em que o narrador toma a mão do leitor e o conduz, como José Saramago o faz em sua viagem a Portugal. Toda redinha se descortina, o que há para se ver, apreciar e sentir na condução sentimental e poética de Navarro a apontar de tudo que é feita a Redinha. Um lugar vivido por ele na sua experiência boêmia e lúdica da cidade e que colhe nessa vivência em relatos do povo. Navarro coleciona histórias da Redinha para recriá-la a sua maneira, então como uma terra encantada, a sua Pasárgada que é o lema de toda a sua literatura: o deslumbramento da vida com a paisagem, o povo e a própria existência como um ato sublime, e assim imprime também o seu sentido de vida: viver plenamente e entregue às contingências dos dias. *Do outro lado do rio* é um texto que aparenta ser menos febril e mais reflexivo,

---

6 NAVARRO, Newton. *Do outro lado do rio, entre os morros*. Natal: Sebo Vermelho, 2010, p. 11.

pensado, em que se descortinam referências para compor um mosaico e uma pluralidade de vozes. Então, Costeau, Carybé, Cascudo, Camus, Drummond, Caymmi, pescadores e tipos populares (Cutruco) são as vozes que completam o seu dizer nesse passeio pela memória sua e coletiva, uma espécie de busca do tempo perdido e fruto de um tempo coletivo.

Navarro instaura-se apenas como uma voz que conta a experiência humana coletiva. Cutruco é um perfil bem-acabado, um retrato em que às formas rígidas dos fatos, Navarro impõe o olhar do poeta que deforma as formas a uma composição cubista em que se inserem todos os ângulos em um único plano, em diversas facetas. Cutruco é uma figura completa: "*a alma mergulhada em vapores etílicos, flutuava, sonora, nos encampados que sua voz despertava...*"[7]. Outros retratos, perfis, imprimem-se: o mestre Pignataro e o homenageado amigo José Aguinaldo de Barros, a quem dedica o livro. A ambos contempla com um perfil lírico nas mesmas proporções que dedica a Cutruco... Mas não é dessa produção em crônica de Navarro que se calha lançar como corruptela "crônica-conto-romance-guia-perfil-memórias"; e sim, destes dois volumes de crônicas *Beira-Rio* e *Do Outro Lado do Rio*, preparados para livro cujo tema são os pescadores e a Redinha venerada.

---

7 NAVARRO, Newton. *Do outro lado do rio, entre os morros*. Natal: Sebo Vermelho, 2010, p. 53.

Para encerrar as crônicas sobre as quais não vai se falar, cabe bem registrar o lirismo que embota Navarro e que aparece em toda literatura que fez, como que tomado por uma embriaguez, aquela de que fala Baudelaire e a qual Navarro fez referência quando entrevistado pelo Memória Viva[8], que não é privilégio da poesia, nem privilégio da crônica. O que são *As ondas* de Virginia Woolf senão a quebra desse paradigma (se um dia tiver existido)? Navarro, *Beira-Rio*, não custa repetir: "*Beira-Rio não é boteco somente. É um chão à parte. Faixa de pedra escura entre os começos da cidade e a margem esquerda do rio. Tem vida própria. Domínio de barcos, embarcadiços, mulheres-damas, boêmios, bandejas de peixe-frito, prateleiras de garrafas cantantes. Beira-Rio tem sido pátria de apátridas e canto protetor desses deserdados que herdam, no entanto, o tempo amplo e solto do não ter nada*"[9]. Esse é Navarro no exercício do sublime.

Mesmo tom e esmero que emprega nas crônicas que se espalharam pelos jornais e que eram concebidas no correr da pena, num jorro só. Contam os

---

8 LYRA, Carlos (Org.). *Memória Viva de Dorian Gray Caldas, Newton Navarro e Leopoldo Nelson*. Natal: EDUFRN, 1998. p. 33-60.

9 NAVARRO, Newton. *Beira-Rio*. Natal: Sebo Vermelho, 2011, p.9

amigos[10] que Navarro sentava diante da máquina de escrever e pronto, estava lá a crônica. Dizem que era gestada no caminho de casa para redação. Descia lá Navarro, que morava em Petrópolis àquele tempo, rua Potengi, em direção à redação da *Tribuna*, na Ribeira, e no caminho tirava a matéria da crônica do dia. Assim, por certo, nasceram essas bolhas de sabão, das quais aqui já se deu a prova, e tanta coisa do cotidiano, como o falar dos passarinhos, amor que dividia com Rubem Braga, o escritor que se fez na crônica e fez dela literatura e literatura moderna. Se foi gênero menor, como traçado pela história da literatura, Rubem Braga a elevou. Ele foi essencialmente e exclusivamente cronista e nada mais, quebrando a tradição de nossa literatura de a crônica ser um também na sua produção e não o principal. A começar por Machado de Assis, e seguindo por tantos outros, de antes e depois.

Rubem Braga é referência porque a fez maior e associou-a a seu nome. Virou adjetivo. A crônica pelo jornal se tornou o gênero brasileiro. Navarro, profundamente vanguardista, foi um escritor múltiplo como os escritores do seu tempo. Produz tudo ao mesmo tempo. As crônicas de jornal nascem com os dias e tão logo entra 1961 lança o seu primeiro livro

---

10 Livro inédito: *Saudade de Newton Navarro*, entrevistas/depoimentos com/de amigos de Navarro sobre a vida, a obra e a amizade.

de contos, resultado de um trabalho esmerado, cuidadoso, de quem curtia, curtia e curtia a elaboração e o acabamento do texto, que eram fruto de muita transpiração, assim conta Paulo de Tarso. Dessa feita, lança Navarro *O solitário vento do verão* (1961), solidificando as bases da contística potiguar, numa terra e numa cidade de poetas consagrados, tradição a que se filiou porque seu primeiro livro é um livro de poemas: *Subúrbio do Silêncio* (1953). Newton desenhou a sua literatura como os norte-americanos, trazendo o jornalismo como estilo, já nesse primeiro livro. Tarcísio Gurgel declara: "O solitário vento de verão *revela um ficcionista que faz bom uso da experiência com a linguagem jornalística, (vale dizer: períodos curtos, clareza na exposição, sem prejuízo no impacto da informação) que na boa tradição americana era o primeiro e eficiente estágio para o bom narrador de histórias curtas*."[11]

Na crônica se lê um Newton lírico, como se lê nos contos, mas um Newton que realmente traz essa experiência jornalística, talvez eivada no exercício da crônica diária, o que aproxima Navarro não dos contistas norte-americanos, de quem era ávido leitor, mas sim dos cronistas de sua geração e do jornalismo diário que exerciam todos. A crônica é uma literatura-jornalismo. Reconhecida hoje como gênero literário

---

11 GURGEL, Tarcísio. *Informação da literatura potiguar*. Natal: Argos, 2001, p. 115.

e gênero jornalístico por excelência. Está na fronteira. Seu princípio básico é registrar o circunstancial. Toma do texto do jornal, o coloquial, e da poesia, o lirismo. O cronista do jornal é repórter e escritor, e, acima de tudo, um grande redator. Foi no espaço de jornal que se avizinhou Navarro de outros cronistas seus contemporâneos. Praticavam a crônica diária Hélio Galvão, Berilo Wanderley, Sanderson Negreiros, Luís Carlos Guimarães, Woden Madruga, Dorian Jorge Freire. Navarro pertenceu a esse círculo literário em que aqui se nomeiam cronistas e muitos deles também escritores de outros gêneros, e quase todos poetas. Navarro era amigo de toda gente. Alçou, inclusive, a pompa de membro da Academia Norte-rio-grandense de Letras, ocupando a cadeira 37.

A liberdade e o descompromisso são a marca da crônica. Esse gênero pode e não pode ter suporte na realidade – o seu exercício é um exercício de liberdade. Sua motivação é o banal, o diário, o cotidiano. Tudo pode ser objeto de uma crônica. Ela popularizou a literatura brasileira, apresentou os romancistas e chamou o público a pular da página do jornal para a leitura dos romances e dos livros de contos. Os poetas também assim ganharam popularidade. O cronista é aquele alvissareiro que Cascudo fala, aquele que subia a torre da Igreja do Galo e observava atento o que se passava pela cidade. O cronista é um poeta que não sabe fazer verso, e ficou assim só com o lirismo da coi-

sa. Navarro foi poeta. Fez bem mais a sua prosa com a linguagem do verso. Era um apanhador da vida no cotidiano. Das coisas que estão no ar, fez a solidez da sua crônica; da leveza do insustentável, fez o ser.

A matéria do acontecimento dos dias era a sua crônica. Antonio Candido[12] imortalizará a crônica como uma literatura que chama "ao rés do chão": a crônica, dirá, é produto *suis-generis* do jornalismo literário brasileiro. No Brasil, ela tem uma boa história. Até se poderia dizer que, sob vários aspectos, é um gênero brasileiro, pela naturalidade com que se aclimatou e a originalidade com que aqui se desenvolveu. A origem da crônica no jornal é o folhetim, artigo de rodapé sobre questões do dia (políticas, sociais, artísticas, literárias). Com o tempo, diminuiu de tamanho, tornou-se mais leve e chegou ao que hoje se conhece por crônica. A mudança foi o tom informativo e de comentário para a função de divertir. A linguagem ficou leve, descompromissada, afastou-se do argumento e da lógica e ganhou em poesia. A crônica foi bem com os modernos, era bem a proposta de abandonar a retórica vazia, o rebuscamento e seguir por uma busca da oralidade na escrita, aproximando-se do leitor.

---

12 CANDIDO, Antonio. A vida ao rés-do-chão. In: CANDIDO, Antonio (Org.). *A crônica*: o gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil. Campinas: Unicamp; Rio de Janeiro: Casa Rui Barbosa, 1992. p. 13-22, citação p. 20.

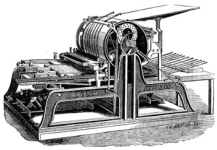
Nas *Outras crônicas não selecionadas*, o cambiante de temas da razão dos dias e do sabor das horas. Navarro sentava e escrevia desfiando o tema do dia, embora esse método de trabalho e essa característica da crônica de ser de tudo possa apontar um quadro caótico em que não se identifiquem certos temas, predileções etc. Essa seleção de Paulo de Tarso Correia de Melo apontou um Navarro cronista que no jornal também se destaca: o brilho de sua literatura na riqueza das descrições e perfis dos personagens, na facilidade com que agarra qualquer tema pueril e encontra nele a beleza e o sentido da vida. As construções são sempre imagens poéticas que arrebatam o leitor e levam o corriqueiro da vida à categoria do que realmente é o importante. Na crônica está a sua porção de vida, as suas crenças e o artista completo que foi desenvolvendo o seu poder de criação nas mais diversas formas de expressão, o desenho e a escrita, as mais profícuas. O orador dos dias se perdeu no tempo e as peças se fizeram na encenação. Se categorias fossem elencadas para agrupar o disperso da crônica de Navarro, não poderia faltar a presença proustiana do passado e das relações de família e, nelas, a infância no sertão, os vaqueiros, a terra dos seus.

O criador, o memorialista, não pode partir de outro ponto que não da sua experiência de vida. Mais que observador, Navarro foi um cronista vivente, por isso, talvez, para a realização de sua arte tenha vivido

de forma tão plena e intensa. Um cronista sentimental em *Milhã* e dramático em *Elpídio Soares Bilro*, que lembra o retrato do pai esboçado por Vinicius de Moraes, quando também sofria a perda paterna. De maneira que na crônica está a biografia de Navarro, sobretudo a sentimental. Está a história de Newton Navarro que não poderia ser contada por fatos, porque só viveu sentimentos. Quem sabe também um exercício para os temas que desenvolveria no trabalho incessante dos contos. Os temas se espelham quando escreve a crônica *A alma do grande sertão*, talvez com um pouco do desenho da Rosário fictícia de *O solitário vento do verão*. Nessa crônica, se observa a forte característica prática do gênero de fixar os dias nas coisas diárias.

Há a solta presença não identificada das pessoas do seu círculo de convivência e amizade que brotam ao natural em suas reminiscências, cuja identidade se perde no tempo e no anonimato do afeto: quem foi Helena da casa grande do Tirol (personagem de uma crônica) que fazia doces? Noutra crônica um retrato afetivo, a imagem mais digna do santo que foi padre João Maria: "*Em noite de muito frio emprestou a batinha velha e única a um pobre, e para que não escandalizasse com a sua nudez, Nosso Senhor Jesus Cristo mandou chamá-lo, às pressas, para o seu Reino, onde não se precisa de roupas e sim de asas*". Poeta dos passarinhos, existencialista

nas conversas com Sanderson Negreiros, relator dos personagens da cidade, Xarias e Canguleiros, a conversar com os leitores, a homenagem aos amigos, o leitor dos seus pares, defensor do Ateneu, admirador do artistas amigos, o desenhista dos dias lentos, dos belos dias, das bolhas de sabão, domingo e paisagem, Newton Navarro consagrou a crônica por completo porque exerceu por ela toda a diversidade que lhe é permitida. E assim foi o cronista da hora sublime ao registrar o intangível do tempo perdido.



IMPRESSÃO E ACABAMENTO
Oficinas Gráficas da EDUFRN
Editora da UFRN, outubro de 2013.